



UEPB

Universidade
Estadual da Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE – PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**A EDUCAÇÃO BRASILEIRA PAUTADA EM ÍNDICES IMPRECISOS:
TOTONHA, UMA MULHER LETRADA DIANTE DAS ADVERSIDADES**

ANDRÉ COSTA PEREIRA

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

ANDRÉ COSTA PEREIRA

**A EDUCAÇÃO BRASILEIRA PAUTADA EM ÍNDICES IMPRECISOS:
TOTONHA, UMA MULHER LETRADA DIANTE DAS ADVERSIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Sob a orientação do Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva.

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P436e Pereira, André Costa
A educação brasileira pautada em índices imprecisos
[manuscrito] : Totonha uma mulher letrada diante das
adversidades / André Costa Pereira. - 2016.
59 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva, Departamento
de Letras e Artes".

1. Letramento 2. Literatura Brasileira 3. Conto 4. Livro
Didático I. Título.

21. ed. CDD 372.6

ANDRÉ COSTA PEREIRA

**A EDUCAÇÃO BRASILEIRA PAUTADA EM ÍNDICES ARCAICOS:
TOTONHA, UMA MULHER LETRADA DIANTE DAS ADVERSIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa, pelo Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovada em: 24/05/16.

BANCA EXAMINADORA

Ricardo Soares da Silva NOTA: 8,5
Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva (orientador)

Linduarte Pereira Rodrigues NOTA: 8,5
Prof. Dr. Linduarte Pereira Rodrigues

Patrícia Custódio Aragão NOTA: 8,5
Prof. Dra. Patrícia Aragão

MÉDIA: 8,5

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra primeiramente a Deus por me guiar nos meus caminhos acadêmicos, aos meus pais e especialmente a minha mãe Maria Suely Costa Pereira (*in memoriam*).

Dedico também ao meu orientador Ricardo Soares por acreditar em minha pessoa e me dar forças quando mais preciso.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso pai celestial, nosso Deus todo poderoso que me deu coragem e determinação para estudar e concluir minha graduação em Letras.

A minha família que é a base de minha luta, pois sem eles eu não estaria convivendo em um ambiente de satisfação e prazer.

A minha universidade UEPB, pois devo toda minha história acadêmica, onde iniciei meu curso conquistando novos conhecimentos, novas informações, formando novas amizades e contribuindo para a comunidade universitária.

Aos meus professores que sempre colaboraram com sabedoria e reciprocidade para engrandecer nosso conhecimento estudantil e visando um futuro melhor para a nação brasileira.

Ao professor Ricardo Soares em especial, este que soube como ninguém entender minhas dúvidas, meus dilemas e dificuldades, sendo minha referência e meu guia nesta árdua batalha dos últimos anos, sem este personagem tão importante em minha vida, acredito eu que não estivesse a escrever este agradecimento, bem como terminar minha graduação.

Aos meus colegas de turma, pois em muitos momentos eles estiveram ao meu lado incentivando, pesquisando, realizando atividades em grupo. Todos juntos no mesmo objetivo: contribuir para a melhoria do ensino brasileiro, principalmente o de língua Portuguesa.

Enfim, agradeço a todos aqueles que puderam me ajudar e contribuir para minha formação pessoal e acadêmica, pois cada um tem sua participação em minha história de vida estudantil.

... Mas é claro que o Sol
Vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei
Escuridão já vi pior
De endoidecer gente sã
Espera que o Sol já vem

Tem gente que está do mesmo lado que você
Mas deveria estar do lado de lá
Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar
Tem gente enganando a gente
Veja nossa vida como está
Mas eu sei que um dia a gente aprende
Se você quiser alguém em quem confiar
Confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança

Mas é claro que o Sol
Vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei
Escuridão já vi pior
De endoidecer gente sã
Espera que o Sol já vem

Nunca deixe que lhe digam
Que não vale a pena acreditar no sonho que se tem
Ou que seus planos nunca vão dar certo
Ou que você nunca vai ser alguém
Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar
Mas eu sei que um dia a gente aprende
Se você quiser alguém em quem confiar
Confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança

(bis x8)

Legião Urbana

RESUMO

Esta monografia tem o objetivo de apreciar o conto “Totonha”, inserido no livro Contos Negreiros (2005) do escritor pernambucano Marcelino Freire, com o intuito de avaliar os questionamentos feitos pela personagem Totonha à uma professora que vem a seu encontro para lhe oferecer uma cartilha que lhe permitirá ser alfabetizada. Atentamos mais especificamente para o “letramento” que esta personagem possui, a despeito de ser analfabeta. Para isto, observamos as políticas de aprendizagem, bem como os índices que avaliam a educação brasileira e programas do governo Federal voltados para a distribuição de livros didáticos. Para o desenvolvimento desta atividade, consideramos as abordagens teóricas dos respectivos autores: Paulo Freire (2006) Magda Soares (2009) Helder Pinheiro (2006) Rildo Cosson (2006).

Palavras-chave: Aprendizagem. Livros Didáticos. Letramento. Educação.

ABSTRACT

This monograph tem or to assessing or conto "Totonha" inserted not livro Contos Negreiros (2005) do pernambucano writer Marcelino Freire, com or intuito of avaliar you questionamentos feitos pela personagem Totonha à uma professora that vem a seu he found to lhe oferecer uma Cartilha that allow lhe be literate. We attempt mais specifically for or "letramento" this personagem possui to despeito be illiterate. To isto, observe policies as of aprendizagem, bem as you avaliam indexes to educação brasileira and do governo Federal programs voltados for a distribuição of didáticos livros. Desta desenvolvimento atividade for or consider as theoretical abordagens two respective authors: Paulo Freire (2006) Magda Soares (2009) Helder Pinheiro (2006) Rildo Cosson (2006).

Keywords: Aprendizagem. Livros Didáticos. Letramento. Educação.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A-.....Dados Estatísticos por Estado do PNLD 2014

ANEXO B-.....Dados Estatísticos por Unidade da Federação PNLD 2015

ANEXO C-.....Calendário de Atendimento do PNLD 2015

ANEXO D-.....Foto de Capa do PNLD 2015

ANEXO E-Coleções mais distribuídas por componente curricular Português PNLD 2015

ANEXO F-.....Ranking IDHM unidades da Federação 2010

ANEXO G-.....Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013

ANEXO H-.....Resultados e Metas do IDEB: Anos Iniciais do Ensino fundamental, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio

ANEXO I-.....Resultados e Metas do IDEB: Parâmetros de Pesquisa: por Estado

ANEXO J-.....TOTONHA (Conto)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I A educação voltada para os indicadores IDH, IDEB.....	11
1.1 Os parâmetros da educação brasileira.....	11
1.2 PNLD: A importância para a educação.....	14
1.3 Os indicadores sociais: seus dilemas e suas influências.....	18
1.4 Entendendo o letramento e as consequências de uma boa alfabetização.....	23
CAPÍTULO II Totonha: Da simplicidade a complexidade da mulher humilde.....	28
2.1 Marcelino Freire: seu olhar, seus pensamentos e o poder dos esfarrapados.....	28
2.2 Analisando o poema Totonha e seus contrastes.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
ANEXOS	48

INTRODUÇÃO

Como sabemos a educação é uma dimensão importante para todos nós seres humanos, ficando claro que em muitas circunstâncias que ela não deveria diferenciar ricos de pobres. Seu início deve acontecer nas primeiras idades da criança desde seus primeiros passos, no seio da convivência entre os familiares, nesse tempo, temos a certeza que a educação é capaz de instruir e direcionar a formação intelectual dos sujeitos. Por este motivo, decidimos trazer como pauta de discussão desta monografia a formação educacional das pessoas com base no Letramento. Matéria, que por sua vez, chega até ser desconhecida por muitos brasileiros.

Em nossa análise, consideramos particularmente o conto “Totonha” do escritor pernambucano Marcelino Freire, o conto encontra-se no conjunto de cantos do livro *Contos Negreiros* (2005) sendo, canto XI, que pode ser conferido anexo J ao final do trabalho. Os Contos Negreiros foram premiados em 2006, com o prêmio Jabuti de literatura.

Para a apresentação desta atividade, decidimos por estruturar em 2 grandes capítulos: no capítulo 1 temos o tema: A educação voltada para os indicadores IDH, IDEB, em que tratamos este tema em 4 subtópicos, através dos quais apreciamos as pautas da educação no Brasil, passando pelos Índices que avaliam a educação básica, o desenvolvimento humano, os programas sociais do governo Federal e finalizando com os pressupostos do Letramento, visto que é de suma importância para esta atividade.

No capítulo 2, temos como tema: a análise do Canto “Totonha”. Nesta segunda parte do trabalho, optamos por dividi-la em 2 sub-tópicos, os quais vem concretizar a análise do conto “Totonha”, bem como o levantamento de alguns dados significativos da biografia do autor Marcelino Freire. Usamos Paulo Freire, todavia, como suporte interpretativo para abordar o discurso de nossa anti-heroína.

Compreendemos que trabalhar este conto, bem como as políticas de educação e Letramento, é um grande compromisso, pois buscamos observar detalhes os quais não são vistos cotidianamente, visando engrandecer nosso conhecimento sobre a educação e as práticas de letramento tão importantes para nossos dias atuais, especialmente como conto pequeno em tamanho pode render tanta discussão sobre o universo de uma personagem analfabeta e residente na região empobrecida do Vale do Jequitinhonha.

CAPÍTULO-I A EDUCAÇÃO VOLTADA PARA OS INDICADORES IDH, IDEB

1.1 Os parâmetros da educação brasileira

A sociedade, a cultura e os costumes têm mudado ao longo dos anos, isto se deve às informações e ensinamentos que hoje não são exclusividades de nossos pais, devendo-se em parte às noções de valores do cidadão que têm mudado muito rapidamente.

Nesse discernimento, Os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais) são estudos realizados sobre educação e desenvolvimento humano, e são o referencial para os professores, diretores e escolas moldarem seu próprio sistema de ensino, o que nos faz refletir sobre os comportamentos, deveres e direitos que temos como parâmetro para ter uma vida melhor, com base em uma educação eficaz e de qualidade.

Os PCN's (2001, p.5) destacam a:

(...)intenção de ampliar e aprofundar um debate educacional que envolva escolas, pais, governos e sociedade e dê origem a uma transformação positiva no sistema educativo brasileiro. Os parâmetros curriculares nacionais foram elaborados procurando de um lado respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

Sobre a citação acima, um debate amplo e aprofundado não foi, nem está sendo estabelecido com a sociedade, principalmente no que diz respeito à rede pública de ensino. As condições de estrutura física em certas escolas ainda deixam a desejar, como: falta de espaços de lazer, bibliotecas quase que inexistentes entre outras precariedades. Mencionamos também falta do apoio de órgãos federais, estaduais ou empresas de iniciativa privada, que poderiam, por sua vez, contribuir para a manutenção das mesmas.

Mais adiante os PCN's (2001, p.17) afirmam que:

Na década de 60 e início da de 70, as propostas de reformulação do ensino de língua portuguesa indicavam, fundamentalmente, mudanças no modo de ensinar, pouco considerando os conteúdos de ensino. Acreditava-se que valorizar a criatividade seria condição suficiente para desenvolver a eficiência da comunicação e expressão do aluno. Além disso, tais propostas se restringiam aos setores médios da sociedade, sem se dar conta das conseqüências profundas que a incorporação dos filhos das camadas mais pobres implicava.

Com respeito aos demais, consideramos que: os conteúdos de língua portuguesa são os que mais fazem diferença na hora de aprender a ler, escrever e compreender em sala de aula. A criatividade é muito importante, todavia, a partir do momento em que estudamos novas teorias, bem como novos conceitos educacionais, podemos ampliar ainda mais nossa capacidade cognitiva para demais finalidades.

A respeito das restrições de outros setores e não ao setor médio, conferimos que: tratou-se na época de um *preconceito*, principalmente àqueles que são marginalizados das melhores condições financeiras. Estes por sua vez, por nunca terem um ensino-aprendizagem verdadeiros voltados à sua classe social, sofreram a consequência da má leitura, da reduzida capacidade intelectual, e visto que são os responsáveis pelo alto índice de analfabetismo de sua época, e que ainda hoje repercutem em algumas famílias brasileiras.

Em meio a tantos descasos e desinteresses para com alunos e escolas brasileiras, e portanto repercutindo na vida de cada um de nós, vejamos, aqui, algumas exceções consideradas proveitosas e de grande valor educativo para a transformação social, como o projeto **Amigos da Escola**.¹

A rede Globo de televisão por ter reconhecimento supranacional e ser detentora da maior audiência televisiva do país, através do projeto Amigos da Escola, vem conseguindo mudar a realidade de algumas escolas brasileiras. O objetivo do projeto é alcançado através de atividades extraclasse que, por sua vez, são orientadas por professores qualificados, que complementam o currículo dos alunos, além de estimular o conhecimento, criando a interatividade, possibilitando toda a comunidade ficar a par da realidade da instituição de ensino, e ainda, contribuindo para que o cidadão comum possa compartilhar com seus filhos, amigos, colegas e educadores de atividades diversas em ambiente escolar.

¹Projeto amigos da escola: Amigos da Escola é um projeto criado pela Rede Globo (TV Globo e emissoras afiliadas) com o objetivo de contribuir para o fortalecimento da educação e da escola pública de educação básica. O projeto estimula o envolvimento de todos (profissionais da educação, alunos, familiares e comunidade) nesse esforço e a participação de voluntários e entidades no desenvolvimento de ações educacionais – complementares, e nunca em substituição, às atividades curriculares/educação formal – e de cidadania, em benefício dos alunos, da própria escola, de seus profissionais e da comunidade. O projeto é implementado em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), Faça Parte, Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed), União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), além de instituições e empresas comprometidas com a educação de qualidade para todos.

Em 18 de maio de 2012, foram realizadas em 22 estados brasileiros, e inclusive no Distrito Federal, diversas ações educativas do projeto Amigos da Escola que contaram com a participação de aproximadamente 35 000 alunos. O projeto Amigos da Escola desenvolveu em São Miguel Arcanjo-SP um trabalho de incentivo à leitura que vale a pena ressaltar.²

Com este exemplo pioneiro do projeto Amigos da Escola que fora realizado nesta escola do interior de São Paulo, acreditamos que, através do incentivo a novas formas de leituras, mudança de hábitos para com interpretação textual e atividades voltadas para a cultura livre é possível acontecer, pois deve-se mudar conceitos educacionais obsoletos e formar cidadãos com olhares mais amplos e inovadores.

Apesar do incentivo de alguns projetos para aproximar a comunidade à escola, ainda é bastante notório em instituições de ensino educacional, sejam elas da esfera pública ou privada, o afastamento do vínculo entre pais e escola, o que traz conseqüentemente prejuízo ao estudante brasileiro, que fica desorientado com inúmeras dúvidas e preocupações em seu cotidiano escolar.

Sobre a proposta dos PCN's, não houve um avanço significativo nestes quase vinte anos de seu lançamento, tendo sido lançados no dia dos professores, em 15 de outubro do ano de 1997. O que destacamos nos PCN's, na realidade, é que as escolas em sua maioria elaboram seu PPP (Projeto Político Pedagógico) sem ajustá-lo à realidade social e, sem levar em consideração as especificidades de seus alunos, pautando-se apenas em atividades mecânicas de leitura e escrita. Logo, percebemos que onde as atividades de leitura e produção textual dialogam com os problemas enfrentados pela comunidade, os resultados são bem mais evidentes.

² **Projeto Amigos da Escola incentiva leitura em São Miguel Arcanjo** (TV TEM, 2012) disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2012/05/amigos-da-escola-incentiva-leitura-em-sao-miguel-arcanjo-sp.html>>. Acesso em: 18 jan 2016

O dia foi temático com foco na leitura. Em **São Miguel Arcanjo** (SP), as atividades foram desenvolvidas na escola estadual Professora Maria Francisca Deoclécio Arrivabene. Com o tema 'O Valor da leitura', os trabalhos foram realizados nos dois períodos: das 7h30 às 09h30 e das 13h às 15h. Nesses momentos, os estudantes trocaram ideias sobre livros de vários autores. Em uma mesma sala de aulas, três atividades simultâneas: leitura, interpretação cênica e música. Usando poesias de Vinícius de Moraes e Toquinho, os adolescentes fizeram um recital. Mas não foi só leitura e interpretação. Os estudantes também fizeram composições. Com o tema 'adolescência' a tarefa era encontrar uma canção que descrevesse essa fase da vida. Houve ainda apresentação de literatura de cordel e depoimento de alunos.

Outro assunto debatido pelos estudantes foi o tema 'família'. Fora das salas de aula, a discussão foi para informar, conscientizar e orientar os alunos. Um "L" de livro foi formado pelos alunos para as leituras de textos e discussões do tema. Durante a atividade eles tiveram a oportunidade trocar experiências e falar um pouco da vida fora do ambiente escolar. Amigos da Escola é o projeto criado pela Rede Globo para o fortalecimento da educação e da escola pública de educação básica, por meio do envolvimento de todos (profissionais da educação, alunos, familiares e comunidade) nesse esforço.

É implementado em parceria com o Instituto Faça Parte, UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, CONSED - Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação, UNDIME - União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, instituições e empresas comprometidas com a educação de qualidade para todos.

1.2 PNLD: A importância para a educação

O Ministério da Educação (MEC), Órgão de maior importância em esfera nacional quanto à educação, que foi criado no ano de 1930 pelo então presidente Getúlio Vargas, em meio às suas ações de promover ensino de qualidade dispõe da autarquia FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) e esta, por sua vez, é encarregada de executar as políticas educacionais do MEC.

O FNDE está presente nos 26 estados do país, no Distrito Federal e nos 5565 municípios brasileiros, e têm a incumbência de repassar dinheiro, adquirir e distribuir os Livros Didáticos através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)³ que a posteriori serão utilizados pela rede pública de ensino nacional.

Assim, o PNLD é de extrema importância para as escolas públicas brasileiras, pois tem o papel de administrar adequadamente a demanda dos livros didáticos de acordo com as necessidades do Brasil. Nos anexos A e B dispostos ao fim deste documento monográfico encontramos dados estatísticos do PNLD por estados da federação nos anos de 2014 e 2015. A partir dos dados exibidos nos anexos A e B, podemos verificar como o PNLD administra a distribuição dos Livros Didáticos, ficando evidente ao público brasileiro seu modo operacional, respectivamente: Os alunos beneficiados, Escolas beneficiadas, Os Exemplares, Valor de aquisição e Valor de distribuição.

Ainda de acordo com os anexos A e B, percebemos que é de bastante valia estes dados do programa, pois os mesmos servem de base para orientar as Secretarias de Educação dos Estados, as direções de escolas participantes do PNLD, em como

³ O programa nacional do livro didático PNLD (FNDE, 2015)

O Programa tem por objetivo prover as escolas públicas de ensino fundamental e médio com livros didáticos e acervos de obras literárias, obras complementares e dicionários. O PNLD é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o FNDE adquire e distribui livros para todos os alunos de determinada etapa de ensino e repõe e complementa os livros reutilizáveis para outras etapas. O PNLD é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o FNDE adquire e distribui livros para todos os alunos de determinada etapa de ensino e repõe e complementa os livros reutilizáveis para outras etapas. São reutilizáveis os seguintes componentes: Matemática, Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências, Física, Química e Biologia. Os consumíveis são: Alfabetização Matemática, Letramento e Alfabetização, Inglês, Espanhol, Filosofia e Sociologia. Um edital especifica todos os critérios para inscrição das obras. Os títulos inscritos pelas editoras são avaliados pelo MEC, que elabora o Guia do Livro Didático, composto das resenhas de cada obra aprovada, que é disponibilizado às escolas participantes pelo FNDE. Cada escola escolhe democraticamente, dentre os livros constantes no referido Guia, aqueles que deseja utilizar, levando em consideração seu planejamento pedagógico.

observar também os valores financeiros que são gastos pelo Governo Federal em prol da educação brasileira, entre outros aspectos, promovendo, assim, uma gama de informações preciosas a toda sociedade brasileira.

Realizando o comparativo entre os anexos A e B, e detendo-nos apenas sobre o estado da Paraíba, quanto aos dados de *Alunos Beneficiados* pelo PNLD, verificamos que houve uma considerável diminuição dos beneficiários de 2014 para 2015, não só nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas também entre os anos finais do Fundamental e, por fim, no Ensino Médio.

Com relação aos números em déficit de beneficiados: Nos *anos iniciais* foram diminuídos: 17 991; nos *anos finais*: 15 721; e no *Ensino Médio*: 17 067, o que evidencia um resultado péssimo, pois muitos alunos precisam de mais apoio educacional, incentivo a novas práticas de conhecimento, entre outras atividades. É inadmissível que haja uma diminuição. No nosso entendimento, o que deve ser feito é o oposto deste resultado, o aumento de beneficiados e melhorias físicas nas unidades de ensino entre outras reformulações. Só assim podemos considerar proveitoso o projeto PNLD.

O PNLD como desempenha muitas atividades no âmbito nacional, quanto a remanejamento e distribuição de Livros Didáticos, visando melhorar o acesso à informação, esteve disponibilizando ao público um calendário de atendimento.

No ano de 2015, o calendário do programa PNLD do FNDE, conforme anexo C, é possível acompanhar a distribuição dos livros, planejar como será o próximo ciclo de atendimento etc. Desta maneira, as escolas ficam encarregadas de informar ao PNLD qual material está em uso de acordo com as séries; os LD's que estão em falta e os que serão recolhidos no fim do ciclo. Ou seja, o calendário um suporte do qual as escolas precisam, para receber os livros adequadamente.

Ressaltamos ainda que o programa PNLD está sempre se renovando em ciclos e, com isto, é necessário que os professores e diretores das escolas leiam e discutam assiduamente o Guia do Livro Didático (GLD), que vem a ser a base para a seleção de uma coletânea qualitativa de livros para serem utilizados em séries do Nível Fundamental e no Ensino Médio.

De acordo com as informações do FNDE⁴. No site ainda é disponível um menu secundário referente à **instruções para a escolha de PNLD 2015 Ensino Médio**, através dos quais há possibilidade de: Orientações para escolha, Autonomia de professores, Orientações para LD de Língua Estrangeira etc.

Detemo-nos agora no Guia de Livros Didáticos de Português (GLDP), visto que é mais pertinente para nossa área de interesse. A foto de capa do mesmo pode ser vista no anexo D.

O Guia de Livros Didáticos (GLD) é muito importante para a área educacional. Neste ano de 2015 o FNDE, através do PNLD, elaborou o GLDP e este contém 105 páginas, nas quais os professores e diretores irão conferir no sumário os tópicos acerca das: Coleções resenhadas, Critérios de avaliação, Língua portuguesa no contexto do Ensino médio, entre outros.

No conteúdo do GLDP 2015, 2(dois) grandes temas centrais são discutidos: **Língua Portuguesa no contexto do Ensino Médio** e **As coleções resenhadas neste guia**. Na abordagem do primeiro tema, temos os seguintes subtítulos:

- Ensinar Português no EM (Ensino Médio);
- Ensino médio, ENEM e vestibulares: um desafio a vencer;
- Princípios e Objetivos Gerais para a disciplina de LP no EM.

No segundo tema, encontramos os demais subtítulos:

- A organização geral das coleções;
- O movimento metodológico;
- Patamares de qualidade.

A partir da página 27 do GLDP, encontram-se as resenhas das coleções de livros de português, assim disponibilizadas 10 resenhas escolhidas por um processo avaliativo do PNLD. São elas:

⁴ Informações recolhidas do site: www.FNDE.gov.br

O PNLD 2015 disponibiliza 11 guias de livros didáticos para o Ensino Médio, os quais são: Português, Matemática, História, Geografia, Física, Química, Biologia, Filosofia, Sociologia, Língua Estrangeira e Arte.

1. Português contexto, interlocução e sentido;
2. Língua portuguesa;
3. Língua portuguesa: linguagem e interação;
4. Novas Palavras;
5. Português Língua e Cultura;
6. Português Linguagens;
7. Português Linguagens em Conexão;
8. Vozes do Mundo- Literatura, Língua e Produção de texto;
9. Ser protagonista Língua Portuguesa;
10. Viva Português.

Dentro de cada resenha são encontrados 4 temáticas importantes: 1 Visão Geral, 2 Descrição da coleção, 3 Análise da obra, 4 Em sala de aula. Desta maneira, os leitores podem acompanhar todo um esboço teórico por parte de estudiosos e colaboradores. O GLDP tem ao final 2 (dois) Anexos: Anexo-1: Critérios de avaliação e Anexo-2: Análise avaliativa.

Conforme o anexo E, podemos ver quais as coleções mais distribuídas por componente curricular de português, os temas, quantidades de páginas entre outros números de total interesse para as secretarias de educação dos estados e escolas participantes do projeto. Com isto, observamos quais os livros mais aceitos e, assim, uma escola poderá optar por outra coletânea da qual tenha mais interesse.

O GLDP tem papel fundamental para o Brasil e para os professores de língua portuguesa, pois é exibido todo um aparato que facilita e engrandece quanto ao conhecimento didático. Não restam dúvidas que este Guia vem ajudando ao longo dos anos e que, por sua vez, tem de ser mais divulgado e debatido, não só por professores, mas por toda a classe política, visando ao apoio da sociedade e a esclarecimentos para todos os cidadãos e, por consequência, a maior ampliação dos GLD's.

Os LD'S são bastante úteis para os professores, porém muitos destes educadores por motivo da falta de capacitação se apoiam demais sobre os mesmos, sem trazer conteúdos complementares para seus alunos. O livro didático tem de ser visto como um aliado na missão de educar e não apenas para professores e alunos verem algumas páginas ao longo das séries do Ensino Fundamental e Médio. Faz-se necessário mais diversificação dos conteúdos por parte do professor, avaliações constantes do letramento dos alunos no decorrer do ano letivo, observar como as práticas de leitura em sala de aula estão influenciando no dia a dia, e como a escrita dos jovens está se desenvolvendo para a produção de novos textos, entre outras atividades.

1.3 Os indicadores sociais: seus dilemas e suas influências

Sabemos que no Brasil e no mundo, devido ao avanço tecnológico bem como à necessidade de acompanhar as mudanças culturais, educacionais e financeiras, fez-se prioridade conhecer dados de informação expressos em números, os quais podem ser vistos nos mais variados segmentos, por isso foram criados ÍNDICES que trazem à população a “certeza” do que se está pesquisando.

Uma organização de alta credibilidade e importância em escala global, a (ONU) Organização das Nações Unidas, desempenha projetos contra a pobreza; um desses, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) faz referências quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁵.

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2012) indica que:

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde. O objetivo da criação do Índice de Desenvolvimento Humano foi o de oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. Criado por Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1998, o IDH pretende ser uma medida geral, sintética, do desenvolvimento humano. Apesar de ampliar a perspectiva sobre o desenvolvimento humano, o IDH não abrange todos os aspectos de desenvolvimento e não é uma representação da "felicidade" das pessoas, nem indica "o melhor lugar no mundo para se viver". Democracia, participação, equidade, sustentabilidade são outros dos muitos aspectos do desenvolvimento humano que não são contemplados no IDH. O IDH tem o grande mérito de sintetizar a compreensão do tema e ampliar e fomentar o debate.

⁵Site PNUD: <http://www.pnud.org.br/>:

Logo, o IDH é um índice parcial sobre pesquisas que estudam o desenvolvimento do ser humano. Se analisarmos este índice em âmbito nacional, notaremos um imenso contraste entre os estados. Conforme o anexo F, podemos conferir o mais atualizado Índice de Desenvolvimento Humano dos Municípios (IDHM) elaborado pelo PNUD.

Ao compararmos a região Nordeste com a região Sudeste por exemplo, iremos perceber que o descaso social e a desigualdade educacional é maior entre os estados nordestinos, o estado mais bem colocado de nossa região é o Rio Grande do Norte que está em 16º, e a nossa Paraíba apenas em 23º de 27 unidades federativas, contribuindo de modo contundente para que o Brasil esteja em um lugar desprivilegiado no IDH mundial.

A seca, a fome, a miséria e a educação precária da população do Nordeste são alguns dos fatores que são preocupantes para que o Brasil não seja considerado um país de primeiro mundo, Os governantes dos estados e municípios pouco se preocupam em melhorar as condições de vida desse povo. Com exceção dos estados do Pará, Acre Amazonas e Tocantins, o quadro revela que os piores resultados do IDHM, são dos estados nordestinos.

O nível da qualidade de vida e o nível da educação da população brasileira ainda estão com índices baixos. A escala é considerada segundo o PNUD de 0 (zero) à 1 (um), e o Brasil não dispõe em nenhum estado de nota máxima.

Os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revelados em 27 de março de 2015 mostram que o PIB (Produto Interno Bruto), que é a soma de todas as produções econômicas feitas no país, cresceu apenas 0,1% em 2014 e puxou a economia para baixo. Isto se deve ao aumento de juros na economia, à inflação, à falta de investimentos e ao baixo consumo por parte dos brasileiros. Neste ponto, observamos que a renda *per capita* diminuiu e, com certeza, serão alterados negativamente os dados do IDH e a qualidade de vida do brasileiro que, todavia, fica comprometida, pois a população não disponibiliza de maiores recursos financeiros para adquirir algo melhor para si e sua família.

No quesito que diz respeito a acesso ao conhecimento, com o passar dos anos a juventude em especial, aprimorou-se através da educação e de modernas práticas de

aprendizagem, como por exemplo: **O ensino a distância**. E, por isso, houve mudanças na educação brasileira, as quais são observadas e registradas. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através do Censo mostra este resultado para o IDHM.

Sobre acesso ao conhecimento, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM, 2015) confirma que:

É medido pela composição de indicadores de escolaridade da população adulta e do fluxo escolar da população jovem. A escolaridade da população adulta é medida pelo percentual de pessoas de 18 anos ou mais de idade com fundamental completo; e tem peso 1. O fluxo escolar da população jovem é medido pela média aritmética do percentual de crianças entre 5 e 6 anos frequentando a escola, do percentual de jovens entre 11 e 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental (6º a 9º ano), do percentual de jovens entre 15 e 17 anos com ensino fundamental completo e do percentual de jovens entre 18 e 20 anos com ensino médio completo; e tem peso 2. A medida acompanha a população em idade escolar em quatro momentos importantes da sua formação. A média geométrica desses dois componentes resulta no IDHM Educação. Os dados são do Censo Demográfico do IBGE.

Este índice é valioso para um controle mais específico sobre o acesso ao conhecimento e formação educacional da população brasileira. Para um melhor entendimento e complementar nossas informações, trazemos para este estudo o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013, o mesmo contém 2 páginas e pode ser visto no anexo G.

Através destes dados, conseguimos ver que houve uma melhora significativa quanto ao fluxo escolar em que 65% dos municípios brasileiros cresceram entre 1991 e 2010. Porém mais de 90% dos municípios do Norte e Nordeste estão com IDHM educação baixo e muito baixo.

Entendemos que os governantes em esfera nacional, estadual e municipal, com o apoio de toda a população devem refletir sobre os dados deste atlas (anexo G) para poderem distribuir novos recursos, criar mais projetos e incentivos em cursos profissionalizantes para as regiões mais críticas como o Norte e Nordeste. Desta maneira, acreditamos que com os investimentos devidos logo poderemos ver o mesmo atlas com resultados mais satisfatórios ao Brasil.

A educação básica é a porta de entrada para uma vida escolar de um sujeito crítico. Sabemos, pois, que todos nós sem distinção temos direito a uma educação eficaz e de qualidade. Entretanto, a maioria dos problemas apresentados para os jovens encontram-se logo na fase da vida escolar.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica IDEB vem a ser um indicador que acompanha os dados da educação básica e, para isto, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)⁶ disponibiliza que:

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado pelo Inep em 2007 e representa a iniciativa pioneira de reunir em um só indicador dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: **fluxo escolar** e **médias de desempenho nas avaliações**. Ele agrega ao enfoque pedagógico dos resultados das avaliações em larga escala do Inep a possibilidade de resultados sintéticos, facilmente assimiláveis, e que permitem traçar metas de qualidade educacional para os sistemas. O indicador é calculado a partir dos dados sobre **aprovação escolar, obtidos no censo escolar** e médias de desempenho nas avaliações do Inep. o Saeb – para as unidades da federação e para o país, e a prova Brasil para os municípios.

O IDEB pauta sobre o fluxo escolar e a média de desempenho nas avaliações, o que mostra “falsamente” para uma maioria de pessoas leigas um avanço ao longo dos anos na educação brasileira. Com efeito, este índice é contraditório. Se observarmos pela perspectiva do fluxo escolar, notamos que a frequência é obrigatória, mas não constante. Precisamente sobre a questão das metas, o IDEB (INEP, 2011) aponta que:

O Ideb é mais que um indicador estatístico. Ele nasceu como condutor de política pública pela melhoria da qualidade da educação, tanto no âmbito nacional, como nos estados, municípios e escolas. Sua composição possibilita não apenas o diagnóstico atualizado da situação educacional em todas essas esferas, mas também a projeção de metas individuais intermediárias rumo ao incremento da qualidade do ensino. As metas são exatamente isso: o caminho traçado de evolução individual dos índices, para que o Brasil atinja o patamar educacional que têm hoje a média dos países da OCDE. Em termos numéricos, isso significa evoluir da média nacional 3,8, registrada em 2005, para um Ideb igual a 6,0, na primeira fase do ensino fundamental. Foi o Inep quem estabeleceu parâmetros técnicos de comparação entre a qualidade dos sistemas de ensino do Brasil com os de países da OCDE. Ou seja, a referência à OCDE é parâmetro técnico em busca da qualidade, e não um critério externo às políticas públicas educacionais desenvolvidas pelo MEC, no âmbito da realidade brasileira. Metas são diferenciadas para cada rede e escola. As metas são diferenciadas para todos, e são apresentadas bianualmente de 2007 a 2021. Estados, municípios e escolas deverão melhorar seus índices e contribuir, em conjunto, para que o Brasil chegue à meta 6,0 em 2022, ano do bicentenário da Independência. Mesmo quem já tem um bom índice deve continuar a evoluir. No caso das redes e escolas com maior dificuldade, as metas prevêm um esforço mais concentrado, para que elas melhorem mais rapidamente, diminuindo assim a desigualdade entre esferas. O Ministério da Educação prevê apoio específico para reduzir essa desigualdade.

As metas do IDEB no nosso entendimento são de muita importância para projetar a Educação Básica ideal dos estados Brasileiros nos próximos anos. Todavia, fazemos algumas ressalvas, pois, quando observamos as metas no âmbito nacional temos um resultado tecnicamente satisfatório. Porém, se observadas por estado, enxergaremos grandes contrastes, como podemos conferir nos anexos H e I.

⁶Site INEP: <http://portal.inep.gov.br/>

Para um procedimento comparativo, destacamos o Ensino Médio, verificando o anexo H no âmbito nacional, notando com isso que em 2013 o Brasil não atingiu a meta total prevista de **3.9** e, sim, **3.7**. Todavia, em 2007, 2009 e 2011, os resultados foram obtidos respectivamente: **3.5**, **3.6** e **3.7**, contra as metas previstas de **3.4**, **3.5** e **3.7**. Com isto, concluímos que houve regresso no IDEB nacional e, desta maneira, ocasionando o distanciamento da nota 6.0 que é, segundo o IDEB, a média a ser alcançada no ano de 2022.

No anexo I, observamos o infeliz resultado dos estados do Espírito Santo e Sergipe, ambos não alcançaram as metas previstas pelo IDEB e logo vemos que os resultados das metas do IDEB são falhos, porque comprometem o Brasil ainda mais em escala mundial. Portanto, são necessários mais investimentos na educação básica, como novas escolas, materiais didático-pedagógicos, áreas de lazer para recreação, bibliotecas, salas de vídeo e computação, enfim, que venham a contribuir e ampliar a educação brasileira para, assim, conseguirmos chegar às metas de uma educação básica de forma também qualitativa.

Portando, acreditamos que IDH e IDEB não são ainda eficazes, porque não estão completos. Estes índices não revelam verdadeiramente a realidade brasileira. No que diz respeito ao IDH, fatores como o desemprego e o trabalho informal não são considerados. O IDH no nosso entendimento deve conter mais índices relacionados ao tema desenvolvimento, como: saneamento básico, abastecimento de água, alimentação, e afins. Só assim acreditaremos que o IDH contemplará um retrato fiel da sociedade do Brasil.

No IDEB, por sua vez, verificamos que o resultado no âmbito nacional mascara os resultados sobre a educação no Brasil. Mas na íntegra, vários estados não atingem as metas estipuladas pelo INEP. O IDEB com suas metas revela que houve um avanço ao longo das décadas no que diz respeito à educação básica, porém temos que salientar que houve uma diminuição no analfabetismo, o que não condiz com o conceito de *letramento*. Milhões de brasileiros sabem ler e escrever pois foram instruídos à *alfabetização* desde a infância em escolas, creches, e em alguns casos após a fase adulta por meio de programas sociais como o EJA (Ensino de Jovens e Adultos). Todavia, o IDEB deveria avaliar se os estudantes brasileiros dispõem de conhecimentos técnicos e

eficientes para tratar de novas práticas de leitura e escrita, enfim, um letramento eficaz que melhore a capacidade de pensar e agir dos cidadãos do Brasil.

1.4 Entendendo o letramento e as consequências de uma boa alfabetização

Como vemos, é fundamental hoje em dia que o cidadão tenha noções de *leitura e escrita*, isto por causa do avanço dos meios de comunicação, da internet, para as entrevistas de emprego e demais atividades relacionadas a estas duas práticas primordiais para o ser humano inserir-se na sociedade, bem como contribuindo para o engrandecer de seu cotidiano com informações.

O analfabetismo assolou o nosso país durante décadas devido à falta de comprometimento dos governos. O povo não necessitava apenas escrever o próprio nome para ser considerado alguém na sociedade, contudo a *alfabetização* durante muito tempo foi ofertada para homens brancos dos centros urbanos e de certo poder aquisitivo.

O letramento, por sua vez, surgiu para conferir as técnicas de leitura e escrita. Derivado da língua inglesa como no termo *literacy*⁷, a palavra “Letramento” ainda causa um pouco de estranheza à maioria da população desprovida de conhecimento sistematizado. Há algumas décadas atrás no Brasil, bastava apenas saber se: o indivíduo sabia ler e escrever (alfabetizado). Hoje deseja-se conhecer até que ponto Você sabe ler e escrever?. Para um melhor rendimento dessas técnicas, conferimos o estudo de Magda Soares (2009, p.22) em seu livro: *Letramento: um tema em três Gêneros*, quando afirma:

A avaliação do nível de **Letramento**, e não apenas da presença ou não da capacidade de escrever ou ler (o índice de **alfabetização**) é o que se faz em países desenvolvidos, em que a escolaridade básica é *realmente* obrigatória e realmente universal, e se presume, pois, que *toda* a população terá adquirido a capacidade de ler e escrever.

Em relação à citação acima, fica evidente que em países desenvolvidos as metodologias de ensino para leitura e escrita são abrangentes a todas as classes sociais e a educação básica é obrigatória, mas falta universalização também. Por isso a avaliação do letramento das pessoas é preocupação constante nos países desenvolvidos. No

⁷ (SOARES, P.17) Vem do latim littera(letra), com o sufixo-cy que denota qualidade, condição, estado, fato de ser (como por exemplo, em innocency, a qualidade ou condição de ser inocente). No *webster's Dictionary*, *literacy* tem a acepção de “the condition of being literate”, a condição de ser *literate*, e literate é definido como “educated; especially able to read and write”, educado especialmente, capaz de ler e escrever, ou seja: literacy é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever.

entanto, o que realmente importa para os indicadores verificados no Brasil são as taxas de analfabetismo. Desta forma, vemos que: devemos evoluir em relação às prioridades técnicas de ensino básico e fazer da educação o fator principal de interesse da nação brasileira.

Portanto, não fazemos ainda um bom uso de leitura. Isto ocorre por inúmeros motivos: correria de trabalho, filhos, afazeres domésticos entre outras atividades que tomam parte do tempo ao longo do dia. Porém, deveríamos mudar estes hábitos e aniquilar os maus costumes, não sendo apenas um mero leitor de um calendário ou de um relógio, mas sendo um cidadão letrado nos mais diversos ambientes e situações. Por essa razão, Magda Soares (2009, p. 36) confirma que:

Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser *alfabetizado*, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser *letrado* (atribuindo a essa palavra o sentido do que tem *literate* em inglês). Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever - que se torna *alfabetizada* - e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita - que se torna *letrada* - é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever - é *analfabeta* - ou sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita - alfabetizada, mas não é *letrada*, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita.

Baseando-nos nas afirmações acima, conseguimos observar claramente que a questão do letramento está ligada muitas vezes à questão cultural. Não é costume dos brasileiros ler livros, enciclopédias e publicações acadêmico-científicas, ao menos que seja necessário para alguma atividade obrigatória, ou com finalidade específica, vestibulares ou concurso público.

A respeito das problemáticas do letramento, citamos como exemplo clássico *os livros*; pela falta de público, com o custo elevado dos mesmos e a escassez de livrarias, além dos problemas de base que excluem muitas pessoas da política de leitura.

Na questão da alfabetização, milhares de pessoas acreditam que por saberem ler e escrever já têm o bastante. Todavia, se estas mesmas pessoas se depararem com um texto nunca antes visto e que, por sua vez, tenha um vocabulário não usual da língua portuguesa, como por exemplo: *O discurso competente* de Marilena Chauí, este mesmo texto trará um entendimento confuso ao leitor desprovido de compreensão sistemática.

Viver as práticas sociais do letramento é poder refletir e redigir algo sobre si e sobre o mundo, interagindo com outros textos. Com o avanço das redes sociais por exemplo, milhões de pessoas trocam informações constantemente sobre algo que é publicado. Neste sentido, Magda Soares (2009, p.37) considera:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é mais a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural não se trata propriamente de mudar de nível ou classe social, cultural, mas de mudar seu *lugar* social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente.

Concordamos com as afirmações da autora, isto porque, a partir do momento em que o cidadão comum tem noção de conhecimento e consegue interagir com as mais diversas pessoas, este por sua vez se vê mais apto a assistir palestras, ir a peças de teatro, dar entrevistas em mídias como rádio e televisão, engrandece seu vocabulário, consegue ser promovido em seu trabalho, pode publicar artigos em jornais e revistas, como também escrever poemas, contos enfim, engrandece-se pessoalmente e é capaz de reivindicar seus direitos, mudar a consciência das pessoas a sua volta, sejam seus filhos, sua esposa, seus vizinhos e até mesmo a sociedade de uma forma mais ampla.

Para a aprovação de uma seleção ou concurso público, como a entrada de um indivíduo numa universidade através do ENEM, é necessário obter as maiores notas e eliminar concorrentes, entretanto antes de mais nada é preciso ler e interpretar a prova, sendo isto um terror para aqueles que não têm a leitura frequente e, por isto, sofrem com interpretação de textos. Sobre o tema, Magda Soares (2009, p.68) enuncia que:

A leitura, do ponto de vista da dimensão individual de letramento (a leitura como uma “tecnologia”), é um conjunto de habilidades lingüísticas e psicológicas, que se estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. Essas categorias não se opõem, complementam-se; a leitura é um processo de relacionar símbolos escritos a unidades de som e é também o processo de construir uma interpretação de textos escritos.

Através da citação acima, observamos que não basta apenas saber as palavras, mas qual o sentido que elas irão ter no contexto final de um texto, a questão que nós pautamos nesta situação é a falta de atenção do leitor, o comodismo de pensar além do que se vê. Em certas provas de concurso em que o tempo é um “vilão”, tem-se a necessidade de responder o maior número de questões de forma correta. Todavia, o concurseiro não lê os textos com eficácia e sua punição será a eliminação. É preciso não só compreender, mas também ter conhecimento de mundo para fazer relações com outros supostos textos de mesma temática. E, com isso, certificamos que não podemos apenas compreender o que está escrito, mas entender todas as relações possíveis de leitura, escrita, interpretação textual, habilidades cognitivas enfim, obter uma capacidade mais aprofundada e ampla de letramento.

Para podermos falar mais sobre o letramento, temos o dever de vê-lo sobre a ótica de que está ligado a inúmeros fatores sociais no mundo, a respeito disto a autora em seu livro enuncia que:

Além disso, do ponto de vista sociológico, em qualquer sociedade, são varias e diversas as atividades de letramento em contextos sociais diferenciados, atividades que assumem determinados papéis na vida de cada grupo e de cada indivíduo. Assim, pessoas que ocupam lugares sociais diferentes e tem atividades e estilos de vida associados a esses lugares enfrentam demandas funcionais completamente diferentes: sexo, idade, residência rural ou urbana e etnia são, entre outros, fatores que podem determinar a natureza do comportamento letrado. (SOARES, 2009, p. 80)

Através da afirmação acima, fica claro para todos nós que o letramento é muito mais do que saber ler e escrever, é uma conjuntura de situações, comportamento e ambientes. Contudo, para termos um letramento eficaz, as principais mudanças devem vir da e na sociedade, como: menos desigualdade nos sistemas de aprendizagem, melhores campanhas de ensino, que realmente ajudem ao estudante; mudanças nos princípios básicos e filosóficos da educação entre outras ações para melhorar as condições de desigualdade já a partir do letramento entre os brasileiros.

O letramento é, pois, de extrema relevância para a formação de pessoas. Contudo, o *letramento literário* vem complementar os estudos no campo de língua portuguesa. Por isso, Rildo Cosson (2011, p.102) em seu estudo: *letramento literário: uma proposta para a sala de aula* revela que:

O letramento literário faz parte dessa expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita. Todavia, ao contrário dos outros letramentos e do emprego mais largo da palavra para designar a construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular.

Dessa forma, fica claro que o letramento literário, quando bem trabalhado em sala de aula e nas atividades do cotidiano dos alunos, pode ser um estímulo para a criação de novos textos, novas interpretações, novas reestilizações, bem como para reconfigurar os textos de várias maneiras: com música, teatro, novelas e demais atividades educacionais.

Complementando o nosso estudo com Rildo Cosson (2011, p.102); o mesmo indica que:

o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. Finalmente, o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar.

Sabemos que o termo *Literatura* deixa alguns alunos desinteressados e com reservas, devido à falta de estímulos familiares, bem como por influência das novas mídias e, outras questões de cultura. Entretanto, sabemos que a arte literária é privilégio de poucos. Os textos literários, por requerer uma maior capacidade cognitiva devem ser vistos de uma maneira mais ampla e complexa. Para que os alunos não fiquem reduzidos a conferir simples fragmentos, e que o livro infantil possa abrir as portas para novos caminhos. Logo, Cosson sugere (2011, p.103) em seu estudo revelando que:

A leitura e o estudo dos textos literários é, em sala de aula, outra instância da escolarização. Não podemos negar que essa escolarização pode acontecer de maneira inadequada quando a escola utiliza um texto literário, deturpando-o, falseando-o, transformando o que é literário em pedagógico. Para se evitar esta inadequação, alguns cuidados devem ser tomados, tais como privilegiar o texto literário e prestar atenção ao escolher um texto do livro didático, pois esse pode estar fragmentado, além do mais já se trata da transposição de um suporte para o outro. Devemos escolher o texto no seu suporte original, ou seja, o livro infantil. Respeitar a integralidade da obra também é importante, pois não podemos retirar ou saltar partes do texto que, por alguma razão, achamos inadequadas para nossos alunos.

Como lido na citação acima, se tivéssemos oportunidade de seguir uma nova trilha educacional para mudar a realidade dos alunos e das escolas, estaríamos contribuindo para formar novos leitores, escritores, compositores, contistas. Infelizmente, os métodos educacionais de base não ajudam como deveriam, enfim poderíamos conceber novos conceitos e teorias, colocá-las em prática a fim de superar as crises e formar adultos competentes no letramento.

No próximo capítulo estudamos o conto *Totonha* do autor Marcelino Freire, o mesmo pode ser conferido no anexo J. O texto descreve a personalidade de uma senhora idosa e analfabeta, porém com bastante personalidade e letramento de mundo, e que ignora uma proposta de cartilha, a qual poderia ajudá-la a ler e escrever. Acreditamos que este conto é de grande relevância para se trabalhar o letramento literário, pois revela condições sociais, políticas, ideológicas e educacionais, visto que trata das políticas públicas voltadas para a realidade do indivíduo que é analfabeto nos dias de hoje.

CAPÍTULO-II TOTONHA: DA SIMPLICIDADE À COMPLEXIDADE DA MULHER HUMILDE

2.1 Marcelino Freire: seu olhar, seus pensamentos e o poder dos esfarrapados.

Com o passar do tempo bem como a construção de novos paradigmas de leituras, vão surgindo novas expectativas de leituras para agradar os mais diversos públicos, sejam os universitários ou aqueles que lêem poesia em jornais. Marcelino Freire surge para agradar ao gosto literário, sobretudo, para aqueles que se identificam com a protagonização dos marginais.

Nascido em Sertânia, Pernambuco, em 20 de março de 1967, tem conquistado muitos apreciadores especialmente porque valoriza o discurso, o lugar e a posição de seres humanos marginalizados como: o pobre, o ladrão, o analfabeto, a prostituta, o gay, o negro, o índio, a criança, o estrangeiro. Enfim, os menos favorecidos da sociedade.

O livro-base de nosso estudo chama-se *Contos Negreiros*, publicado por Marcelino Freire no ano de 2005 e premiado com o primeiro lugar no prêmio Jabuti de literatura em 2006. O livro possui 113 páginas, dividindo-se em 16 cantos, entre os quais o “Canto XI –Totonha”, que é o nosso objeto de análise.

Totonha é uma mulher marginalizada, oprimida socialmente, analfabeta e velha. Todavia é uma mulher guerreira e acredita no juízo de valor para reconhecer as pessoas, rejeita a oferta de uma cartilha e rejeita as políticas de ensino para alfabetização.

A tipologia do canto XI-Totonha pode ser enquadrada em um monólogo, mas destacando que a professora surge como personagem audiente, cuja existência é percebida através das indagações de Totonha, por meio de uma linguagem dramatizada por interrogações e exclamações. Geruza Zelnys de Almeida em seu ensaio: *Oralidade e improviso em Marcelino Freire: Ritmo, voz e subjetividade* (2010, p. 46) revela-nos que:

O improviso, seria portanto uma estratégia de construção menos racional do que sensível, pois faz uso dos recursos poéticos próprios da poesia: o ritmo, a entonação e a rima. Entretanto, a interpelação de Totonha ao leitor não clama a identificação, mas ao (re) conhecimento do seu lugar social, ou ainda, do ambiente ao seu redor: “Capim sabe Ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso”

Nessa perspectiva Marcelino utiliza recursos como a função apelativa da linguagem para convencer o leitor da importância da reflexão ao imaginar a posição social de Totonha, a partir do que diz a respeito de si: O Canto é muito questionador do que é certo e do que é incerto, mas a partir daquela posição social.

Um dos detalhes que chamam nossa atenção é que, ao ler o conto em voz alta, podemos avaliar melhor os recursos estéticos pois, as pausas propositais nas frases, permitem uma outra leitura, um outro ritmo, que pode ser bem destinado ao público teatral. Por isso Almeida (2010, p.51) diz que:

A voz portanto, não é expressa pelas palavras, mas no como essas palavras se realizam no texto, ou seja, no ritmo e na entonação que recebem. Assim como “a pontuação na poética de um texto é seu gestual, sua oralidade”, a entonação, dada a partir da pontuação, é uma marca de alteração e/ou perturbação emotiva da personagem.

Fica evidente que o autor visa engrandecer o valor do texto com tais recursos dramáticos. Acreditamos que a leitura do texto em voz alta revela também o clamor da mulher socialmente excluída, tornando-lhes, assim, mais enfático o grito e o apelo do pobre, do humilhado. O livro *Contos Negreiros* é visto como um navio cheio de conflitos, onde através das leituras podemos navegar essas águas tempestivas da exclusão social.

Consideramos que o Canto Totonha é adaptável à representação de um monólogo no teatro, pois a voz aguçada e forte de uma atriz negra poderia intrigar a platéia que estivesse a contemplar a leitura dramatizada do Canto Totonha. Acreditamos também que o conjunto dos Cantos no livro *Contos Negreiros*, traria ao público mais reflexões quanto à discriminação racial, à homofobia, e demais preconceitos existentes, visto que ainda hoje convivemos com bastante intolerância.

A literatura é capaz de fazer com que o leitor voe em sua imaginação e consiga imaginar-se no contexto do qual esteja lendo, porém alguns alunos e adultos não conseguem perceber-se dentro das obras, através de seus discursos.

No papel de orientador e estudantes de língua portuguesa, acreditamos que hoje em dia o público precisa de algo mais prático e simples que se aproxime do gosto comum. Marcelino Freire, com sua essência nordestina do sertão, utiliza-se de seus personagens para mostrar um lado diferente da própria literatura, o “lado B” daquilo que consideramos esteticamente agradável, por isto consideramos que este escritor escreve

com a alma do povo, através do que é “inculto” ou “informal” na verdade, escreve para aqueles que não são vistos, os que não têm glórias e nem ascensão social.

Em sala de aula, alguns professores lêem fragmentos de obras que não despertam o interesse nem a fantasia dos alunos. Sobre o assunto, Helder Pinheiro (2006, p. 113) em seu Livro: *Literatura: da crítica a sala de aula*, assevera que:

A preocupação de teóricos, críticos, historiadores e professores deixa de ser observar as obras, estudá-las e, a partir daí, ensaiar uma teoria- perceber o nascimento ou transformação de um gênero, dentre outros aspectos E se não for possível formular algum conceito ou pelo ao menos chegar a algumas abstrações a partir da reflexão e apreciação das obras. O que estou querendo dizer é que deveríamos fugir dos esquemas dos livros didáticos de literatura que sempre iniciam oferecendo conceitos e quase nunca colaboram par despertar o interesse pela literatura.

Caso houvesse um esforço maior para a interatividade do trabalho dos professores de literatura, os resultados talvez permitissem transformações quanto ao conteúdo literário conferido nos livros didáticos. Nessa ocasião, surgiriam novas teorias e concepções por parte do PNLD.

Sabemos que o foco dos estudantes de Ensino Médio é, em grande parte, atingir boas notas no ENEM. Porém os mesmos alunos deixam cotidianamente de se debruçar sobre o conteúdo literário, apenas lêem o necessário para as atividades. Sobre o conteúdo, Helder Pinheiro (2006, p.114) destaca:

Ora, o ensino de literatura se tornou para a maioria dos alunos do nível médio, não um encontro pessoal com uma determinada obra, mas um tormento, uma vez que têm que decorar uma lista relativamente longa de autores e obras, características de estilos de época, afora as fichas de leitura (que agora mudaram de nome) para serem respondidas.

Fica evidente que o estudo literário só visa decorar períodos e características de época literárias, aquém de debater a obra literária. O Canto Totonha, por não estar no registro formal de língua, pode, sim, ser um estímulo visto que a voz da personagem, suas concepções e sua posição social podem levar os alunos a indagar o porquê da personagem questionar tanto. Acreditamos que a partir da leitura do conto Totonha, bem como do conjunto dos Cantos dos *Contos Negreiros*, os alunos provavelmente iriam penetrar no universo literário a partir do estilo de Marcelino Freire.

Trazemos, aqui, para nossa reflexão o Canto Totonha. Tomaremos Paulo Freire (2005) como suporte teórico-analítico do Canto. Assim, com a força das palavras de Totonha, passaremos a análise de nosso objeto e marcados pelo desejo de podermos comemorar o fim das desigualdades sociais em todos os núcleos.

2.2 Analisando o conto Totonha e seus contrastes

Na busca por novos horizontes, bem como na tentativa de expor ao público universitário autores contemporâneos que falem da realidade dos humanos marginalizados, trazemos para este ensaio monográfico o conto **Totonha**, do autor **Marcelino Freire**, o mesmo está no livro *Contos Negreiros 2005*, sendo o Canto XI da obra, e encontra-se no anexo J deste estudo.

Visto que somos leitores e usuários da língua portuguesa, temos que ter ciência da importância de nossa comunicação de fala, esta que por sua vez é o nosso principal meio para expor nossas ideias e reivindicações para um indivíduo ou um grupo de pessoas.

Nessa perspectiva, através da análise do conto Totonha, observamos a predominância marcante de uma linguagem oral distante do padrão culto da língua portuguesa. Trata-se, pois, do uso predominante da *linguagem coloquial*, em que a personagem principal, e também narradora, não dispõe de uma educação formal. A personagem em questão não possui conhecimento de leitura e escrita, e também despreza as investidas de uma jovem professora que vem a seu encontro para lhe oferecer “uma cartilha”, com a qual poderia ajudá-la a escrever seu nome e dar-lhe suporte a uma nova aprendizagem. No trecho:

Dona professora, que valia tem o meu nome numa folha de papel, me diga honestamente? Coisa mais sem vida é um nome assim, sem gente. Quem está atrás do nome não conta? (FREIRE, 2005, p.80).

Nele, há uma resistência por parte da personagem em aprender ler e escrever, o que a enquadra em um nível social desfavorecido e marginalizado, porque esta suposta cidadã não foi estimulada quando criança ao ensino e aprendizagem, a carência ao longo da vida, desenvolveu-lhe uma aversão aos estudos e, agora, vê-se indignada ao receber uma proposta educativa:

Coisa mais sem vida é um nome assim sem gente, quem está atrás do nome não conta? (FREIRE 2005, p.80)

Totonha dispõe de um determinado letramento de mundo mesmo não sendo alfabetizada como pode ser conferido em sua fala:

capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro **letrado**, **científico**? Já viu **juízo de valor**? Em que? Não quero aprender dispenso. (FREIRE 2005, p.79)

A partir destes enunciados, vemos a resistência da personagem em ler. Contudo a falta de leitura não a esvaziou de conhecimentos propriamente, pois que adquiriu personalidade e vontade própria.

Acreditamos que Totonha tem conhecimentos suficientes sobre acontecimentos e situações de mundo que ocorrem a sua volta. A respeito deste tipo de letramento que Totonha possui, Magda Soares (2009, pg. 24) adverte:

uma última inferência que se pode tirar do conceito de **letramento** é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser **analfabeto**, mas ser, de certa forma, **letrado** (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a *letramento*). Assim um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita tem presença forte, se se interessa em *ouvir* a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se *dita* cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando um vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, **letrado**, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

A partir das afirmações, observamos em análise que: por mais que Totonha não queira aprender a ler e a escrever, conhece os programas sociais do governo, quem é o presidente, as intenções do prefeito, e isto mostra que ela não está plenamente sem saber de nada, ao menos, algumas noções de conhecimento podem ser vistas na personagem. Com isto, verificamos que por mais que um indivíduo seja alheio a leituras formais e não faça uso de escrita em sua vida, este cidadão, ao tentar buscar conhecimento através de informações, pode ser um sujeito útil, contribuindo com sua experiência de vida e mudando seu status social, deixando de ser um cidadão leigo e melhorando a cultura e a convivência com as pessoas.

No conto Totonha, observamos também um posicionamento crítico ao sistema político que envolve as inclusões sociais:

O que eu vou fazer com essa cartilha? Número Só para o prefeito dizer que valeu a pena o esforço? Tem esforço mais esforço que o meu esforço? Todo dia, há tanto tempo, nesse esquecimento. (FREIRE, 2005, p.80).

Certificamos que Totonha, ao dizer: “O que eu vou fazer com esta cartilha?” mostra que na fase da vida em que ela se encontra já “velha” e “sem visão de futuro”, uma cartilha não mudará em nada a sua vida nem suas concepções em torno da aprendizagem e da escrita de língua portuguesa. Totonha é vítima da sociedade, marginalizada pelo seu jeito de ser e de se expressar que, por sua vez, pode ser definida como um ser de *vocação negada*. Sobre o assunto, trazemos aqui o estudo do autor Paulo Freire (2005, p.32), em seu livro: *Pedagogia do oprimido*, quando atesta:

...Vocação negada, mas também afirmada na própria negação. Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores. Mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada.

Com relação à afirmação acima, concordamos que a personagem teve, sim, uma “vocação negada”, pois sempre viveu em lugar insalubre e afastada dos meios educacionais, não adquiriu os direitos fundamentais constitucionais do ser humano e, por isso, não se coloca como privilegiada quando recebe uma nova oportunidade de estudo.

Por sempre viver excluída, Totonha nunca se importou em buscar um mínimo de formação escolar para ter voz ativa na sociedade na qual sempre viveu. Fez-se também ausente nas atividades culturais de seu povo. Sobre o tema, Paulo Freire (2005, p. 33) afirma que:

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos.

Se a personagem em questão tivesse buscado seu desenvolvimento pessoal através da educação, seu nível cultural como intelectual seria outro. Mesmo que ela não dispusesse de grandes recursos e incentivos de medidas políticas, a sua busca individual iria dar-lhe um mínimo de dignidade.

Refém da injustiça e da desigualdade social, Totonha tem consciência quando afirma que: “O que eu vou fazer com esta cartilha? Número? Só para o prefeito dizer que valeu a pena o esforço? Tem esforço mais esforço que o meu esforço?”. Essa consciência vem deixar evidente que o prefeito da cidade está só interessado em distribuir cartilhas para a população humilde e analfabeta sem se importar com a eficácia da aprendizagem e, com isto, ganhar mérito pelo seu esforço que na verdade não é maior que o da personagem. Acerca disto, Paulo Freire (2005, p. 33) enuncia que:

Os opressores, falsamente generosos, tem necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria.

Fica claro que este exemplo de “generosidade” não está apenas no contexto deste conto, mas de forma mais ampla e abrangente no Brasil. A política proporciona “uma troca de favores” através da qual o cidadão comum, por não ter a mínima condição de sustento, vê-se manipulado por falsos generosos que em troca de votos

oferecem favores e isto causa um ciclo vicioso de absurdos, por meio do qual os prejudicados têm de se conformar com os resultados das urnas. Sendo assim, o opressor vai se sobrepondo ao oprimido através de uma falsa política de inclusão.

O trecho: “Todo dia, há tanto tempo nesse esquecimento” revela que Totonha sempre foi banida das questões de cunho social, pois, se a mesma recebe uma proposta de aprender através de uma cartilha, a consequência é resistir. Por ser marginalizada, a sua voz nunca foi ouvida pelas pessoas. Sempre esquecida por ser pobre e humilde, nunca teve grandes oportunidades para engrandecer-se na vida. Todavia, com o tom áspero de fala, percebemos que por mais que Totonha não tenha formação eficaz de leitura e escrita, observamos com os questionamentos feitos através de sua linguagem que este tom de fala trata-se de uma real contestação, para com a professora, no momento em que a personagem teve a oportunidade de se revelar sobre a injustiça que passa na condição de marginalizada.

Totonha mora no Vale do Jequitinhonha, região Nordeste do estado de Minas Gerais, onde os indicadores de desenvolvimento são muito baixos, caracterizando um ambiente hostil, onde a maioria da população não dispõe sequer de alimentação saudável e eficiente.

Na concepção ideológica da personagem Totonha, ela não precisa aprender pois já se considera velha:

Deixa pra gente que é moço. Gente que tem ainda vontade de doutorar. De falar bonito. De salvar vida de pobre. O pobre só precisa ser pobre. E mais nada precisa. (FREIRE, 2005, p.79)

Através deste pensamento, percebemos que Totonha se conforma com o pouco que tem para viver, sem priorizar metas e objetivos para sua vida. A personagem acredita que uma ajuda de custo do Governo Federal já está de bom tamanho, quando fala que:

O governo me deu o dinheiro da feira. O dente o presidente. E o vale-doce e o vale-linguiça. (FREIRE, 2005, p.79).

A falta de expectativa em relação às políticas sociais já tomou conta da realidade de Totonha, que acredita por ser “pobre, só precisa ser pobre”.

A liberdade é uma conquista de todos nós seres humanos, conseguimos principalmente quando nos tornamos maior de idade, sendo capazes de buscar emprego, assumindo responsabilidades de justiça, enfim, algo que engrandece o homem. Porém,

sabemos que esta “tal liberdade” tem suas restrições, para isto temos que observar o status social do cidadão bem como o desejo do mesmo para a suposta libertação. Nas palavras de Totonha, sabemos quando esta revela que:

Quero ser bem ignorante. Aprender com o vento ta me entendendo? Demente como o mosquito alí na bosta da cabrita. (FREIRE, 2005, p.79).

Assim revela-nos Totonha que ela não está disposta a aprender nada com relação a leitura e escrita, apenas a aprendizagem sensorial da natureza, não quer ser subordinada a algo ou alguém, adquirir responsabilidades, porque pretende ser alheia aos meios de aprendizagem. Conforme Paulo Freire (2005, p.37), o mesmo atesta que;

Os oprimidos, que introjetam a “sombra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando a expulsão desta sombra, exigiria deles que “preenchessem” o “vazio” deixado pela expulsão com o outro “conteúdo”- o de sua autonomia. Ode sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. A liberdade, que é uma conquista não uma doação, exige uma permanente busca.

Deste modo, evidencia-se que a natureza de Totonha é oprimida e subordinada às classes sociais mais elevadas. Todavia, permanece assim por vontade própria.

Pode não ser considerada ingênua por sua cultura de satisfação com o pouco que sempre teve, a partir do momento em que ela diz: “Deixa eu aqui no meu canto, na boca do fogão é que fico. Tô bem”; ela indica que seu mundo pessoal se resume ao Vale do Jequitinhonha e, assim, o conto reflete sobre sua falta de horizonte, com interdição ao novo e do desconhecido. Paulo Freire (2005, p.39) assume que:

esta superação não pode dar-se porém, em termos puramente idealistas. Se se faz indispensável aos oprimidos, para a luta por sua libertação, que a realidade concreta de opressão já não seja para eles uma espécie de “mundo fechado” (em que se gera seu medo de liberdade) do qual não pudessem sair, mas uma situação que apenas os limita e que eles podem transformar, é fundamental, então, que ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõe, tenham, neste reconhecimento, o motor de sua ação libertadora.

A partir do decorrer do conto, podemos conferir que toda a situação é criada a partir do momento em que o suposto prefeito decide distribuir cartilhas por meio da professora. Com isto, acreditamos que a ação do representante político local nada mais é que ludibriar os possíveis eleitores a exemplo de Totonha. Paulo Freire (2005, p.40) faz também ressalvas quanto a este tipo de opressão, o mesmo confere que:

O opressor só se solidariza com os oprimidos quando o seu gesto deixa de ser um gesto piegas e sentimental, de caráter individual, e passa a ser um ato de amor àqueles. Quando para ele, os oprimidos deixam de ser uma designação abstrata e passam ser homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isto no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida.

O mundo em que vivemos nos dá a cada dia uma oportunidade de refletir e buscar novos meios de nos aprimorar (diferentemente da personagem Totonha) seja por meios de estudos ou por novas oportunidades de trabalho. A situação emergente do Brasil e de alguns países em desenvolvimento não está condicionada apenas no setor financeiro, mas há toda uma cultura, uma política e uma educação, envolvidas em valores e princípios, por isto Paulo Freire (2005, p.32) aponta que:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens.

Concordamos com a afirmação de Paulo Freire, a cultura brasileira sempre foi alheia aos mais humildes, desde a época em que o Brasil foi descoberto por Portugal em 1500. Passamos pela escravidão dos negros por mais de 300 anos, sendo abolida até mais tarde do que em muitos outros países. Ressaltamos aqui que a escravidão não acabou de forma sistemática, pois está camuflada nos tratamentos ofertados aos operários de fábricas, trabalhadores do comércio, de produtos, garimpeiros, caminhoneiros enfim, trabalhadores que levam o “país nas costas”, trabalhando muito e ganhando pouco, apenas o essencial para sobreviver.

Acreditamos que se os setores mais elevados da economia bem como os patrões pudessem permutar as funções por pelo menos alguns dias no intuito de refletir a *condição do operário e do pobre*, com certeza teríamos outros resultados: melhorias salariais, novas promoções de cargos, diminuição da jornada de trabalho. Isto seriam algumas das liberdades dos oprimidos deste país.

Totonha recebe o “vale-doce” e o “vale lingüiça”, o que são apenas paliativos de alimentação, não sendo coerente com sua situação social, acreditamos que a busca da personagem em caçar e pescar mostra a capacidade de Totonha em suprir a fome e assim, adquirir comida para mantê-la viva até a próxima refeição, e deste modo, se evidencia a superação das barreiras enfrentadas pela personagem. Com isso, o autor Paulo Freire (2005, p.44) evidencia que:

É que não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem, capaz de desafiá-lo; como não haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto”, um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la.

Desta forma fica evidente que: o estudo da situação da realidade em que estamos serve para identificar os pontos negativos para com eles corrigi-los e melhorar o que

planejamos, na tentativa de elevar a classe social oprimida a um status de igualdade e bem estar social.

Por sermos analistas desta obra, conseguimos identificar que em trechos da narrativa como: “na boca do fogão é que fico” e “comer também, de vez em quando ir atrás de preá caruá roer osso de tatu” faz uma alusão ao trabalho doméstico ou melhor : o papel da mulher em sua atividade de cuidar da casa.

A cultura de milhares de brasileiros, principalmente de alguns homens, diz que: “mulher tem de esquentar barriga no fogão e esfriar lavando roupas” o que remete a uma cultura machista. Acreditamos que por ser pobre, injustiçada, analfabeta e oprimida socialmente, Totonha também sofre as arestas de uma cultura machista. Ainda de acordo com Paulo Freire (2005, p, 47).

A situação de opressão em que se “formam”, em que “realizam” sua existência, os contribui nesta dualidade, na qual se encontram proibidos de ser. Basta, porém que homens estejam proibidos de ser mais para que a situação objetiva em que tal proibição se verifica seja, em si mesma, uma violência. Violência real, não importa que, muitas vezes, adocicada pela falsa generosidade a que nos referimos, porque fere a ontológica e histórica vocação dos homens- a do *ser mais*.

Portanto, dizemos que Totonha é uma vítima do sistema capitalista no qual sempre viveu e conseqüentemente restrita financeiramente, esquecida diariamente pela causa que sempre foi: o de ser *mulher* e que desde os primórdios de sua infância vive condicionada aos homens e as culturas de submissão da mulher.

No conto de Marcelino Freire temos as palavras: **focinho** e **bosta**, ambas são relevantes quando pronunciadas e dirigidas a alguém. As ideologias opressoras a que se vinculam a professora e o então prefeito se esbarraram na humilde Totonha.

Como podemos ver na narrativa, Totonha não tem influência social em nada, apenas para as pessoas que “gritam, apelidam, vem me chamar de Totonha” e isto revela que os valores de Totonha se prendem aos que a consideram como pessoa humana, diferentemente da professora e do suposto prefeito, que só a procuraram visando aumentar as estatísticas da alfabetização através da ação de distribuir cartilhas.

Este último motivo referido acima serve de referência quanto ao *preço do ser humano*, para muitos brasileiros a corrupção e a facilitação em esquemas fraudulentos, faz com que os “donos do dinheiro” possam comprar a integridade, bem como o próprio cidadão que apriori se vende por alguns trocados. A nossa heroína se mostrou firme

quanto à proposta oferecida. Com respeito ao valor do homem, Paulo Freire (2005, p.51) considera que:

Nesta ânsia irrefreada de posse, desenvolvem em si a convicção de que lhes é possível transformar tudo a seu poder de compra. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objeto principal.

Conforme sabemos que Totonha não dispõe de educação formal é moradora do vale do Jequitinhonha no estado de Minas Gerais, lugar simples, sem desenvolvimento, clima severo, terras ruins para a colheita e demais problemáticas. E como ela é uma campesina no nosso entendimento, por “ir atrás de preá, caruá roer osso de tatu” referenciado animais do campo, acreditamos que tenha se acostumado às peculiaridades do desamparo social do campo. Na narrativa fala: “tem coisa mais bonita? A geografia do rio mesmo seco, mesmo esculhambado? O risco da poeira? o pó da água hein?” a partir da qual surge a concepção que esta personagem aprecia o lugar onde sempre viveu, pois diante das dificuldades e da escassez do rio, ainda enxerga a beleza do mesmo.

Diante das mazelas que Totonha vivencia, ela tem uma consciência de respeito e submissão a Deus como visto no trecho: “Deus que me ensinou, só quero que me deixem sozinha”. Complementamos o raciocínio com Paulo Freire (2005, p.55).

...Dentro do mundo mágico ou místico em que se encontra a consciência oprimida, sobretudo camponesa, quase imersa na natureza encontra no sofrimento, produto da exploração em que está, a vontade de Deus, como se ele fosse o fazedor desta “desordem organizada”.

Fica o entendimento que a cultura e a consciência dos oprimidos, principalmente os de área rural, revela que: para estes, a vontade de Deus prevalece e que as consequências adversas são um “suposto castigo”, por atitudes ruins das pessoas.

O Brasil, por ser um país de grande extensão territorial, contém milhões de pessoas e estas com muitos sonhos, mas ali no vale do Jequitinhonha encontramos uma exceção: Totonha contraria toda uma ideologia social de superação e satisfação pessoal por meio do consumo, demonstrando estar feliz com o que tem. Nossa personagem oprimida não tem sonhos, não cobiça nada de alguém nem mesmo uma cartilha que a ajude com a alfabetização

Acreditamos ser importante a busca por superação, entretanto, alguns pobres oprimidos buscam chegar ao patamar social mais elevado, levando em consideração

apenas o *financeiro* e não o esforço pessoal. A atitude consiste em mudar de status sem reconhecer mais as suas origens.

Totonha é uma senhora idosa, que foi marginalizada ao longo de sua história de vida. Seu discurso designa o grito de alguém que sempre viveu banida da inclusão social e dos direitos comuns, por isso aprendeu sempre a “ficar em seu canto” onde sempre viveu e sabe dali o be a bá.

Acreditamos que se Totonha tivesse desde sua infância pessoas que pudessem ajudá-la, com certeza seu discurso seria outro, enfim o discurso de superação das dificuldades. A professora, também como muitas outras, é passiva em relação às ações dos governos, pois assimila suas ações sem questionamentos, submetendo-se e reproduzindo o discurso do opressor. Por isso que ela apenas escuta o que Totonha tem a dizer sobre o Programa de alfabetização, ao implicar uma cartilha.

A má assistência social que Totonha tem reflete em suas convicções de excluída. Observamos que seu discurso é recheado de indagações, todas direcionadas à professora, isso evidencia a função fática, a qual permite manter o vínculo do contato entre o falante e o ouvinte e, ao mesmo tempo, busca encontrar as respostas para todas suas indagações.

Totonha ao relatar da geografia do “rio mesmo seco, mesmo esculhambado”, destaca que sua região é escassa de água e, obviamente não possui água tratada em sua residência. Mais uma vez, o conto revela os fatores negativos da assistência social. Consideramos que esta falta de água, na verdade, é um alerta à situação de aprendizagem, pois: como um cidadão irá aprender algo se não dispõe do mínimo para sua qualidade de vida?.

No trecho: “adivinhar quando uma coceira é só uma coceira, e não uma doença, tenha santa paciência”, percebemos que Totonha não tem, entre outras coisas, um amparo na rede pública de saúde. Para ela, saber se está doente é uma questão de adivinhação ou autoanálise, pois sempre esteve à margem dos programas de saúde, e dos serviços sociais do Vale do Jequitinhonha, que ou são falhos ou inexistentes.

Consideramos que a assistência social da região de Totonha é um dado alarmante para o desenvolvimento humano. A personagem é a síntese do conflito entre política e a assistência social e as necessidades do povo, através da qual os necessitados

saem mais prejudicados. O IDH é pautado em 3 dimensões que são : renda, educação e saúde, ao ser considerado na realidade de Totonha, possibilita uma reflexão: até que ponto este índice é fidedigno? Qual será o teto real do IDH?. Portanto consideramos que há lacunas em todas as esferas: na política, na educação, na segurança e na saúde.

A partir do momento em que vemos os programas sociais aplicados de forma arbitrária, acreditamos que precisam ser feitas mudanças radicais nas estruturas políticas e de planejamento, dos mesmos para que todos sem distinções possam ser abrangidos pelos amparos sociais, e que os brasileiros possam ter seus direitos equânimes.

Consideramos também que o discurso de Totonha ajusta-se melhor às diretrizes das políticas de alfabetização. Quanto às políticas de alfabetização, os PCN'S (2001, p.7) destacam que elas previamente exigem:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito.

Contrariando a citação, notamos que estas dimensões mencionadas não são postas em prática pelos programas sociais vistos no conto Totonha: nesse sentido, a sua maneira, Totonha percebe a arbitrariedade e critica o sistema brasileiro de educação.

Totonha tem convicção que a cartilha oferecida veio em momento errado, é arbitrário a seu tempo, e por isso argumenta em suas indagações: “capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado? Científico?” esclarecendo, assim, que não tem condições de mudar a natureza dos bichos e dos vegetais, bem como sua própria natureza ou a indigência da qual faz parte enraizadamente, porque através de um processo que naturalizou a exclusão social

A cartilha que foi oferecida à Totonha traz para a personagem indignação e revolta para com as práticas educativas do Brasil. Não será este mecanismo que irá fazê-la aprender do dia a noite, mas um conjunto de fatores que lhes foram negados ao longo de sua vida.

A educação no Brasil nunca priorizou o letramento e, sim, a alfabetização: o que vem demonstrar um conflito sobre o IDEB, visto que este índice é parcial e por isso está maquiando a real situação da educação em nosso país.

Por causa dos avanços das tecnologias é preciso não ser apenas alfabetizado, mas letrado com habilidade e competência em inúmeras situações, visto que as concepções ideológicas sociais mudam constantemente. É necessário que os programas de alfabetização sejam voltados prioritariamente para as áreas mais defasadas e longínquas do Brasil, mas não adianta chegar antes da água, da comida e da saúde pública.

Por rejeitar a cartilha, Totonha vem mostrar que: “para mim a melhor sabedoria é olhar na cara da pessoa, no focinho de quem for” e esta sabedoria popular revela determinadas condições de letramento, não de leituras e escrita, mas de vida real. Ela não frequentou as escolas, entretanto, tem discernimento das situações a seu redor.

Desta forma, conseguimos perceber um posicionamento crítico através da opinião de Totonha e perante as políticas de alfabetização, pois que ela tem convicção que só irá compor número para os índices de educação brasileira. A cartilha, por sua vez, só vai contribuir para escrever seu nome.

Em relação à cartilha, acreditamos que este método é antiquado, pois não estimula ou faz refletir durante o processo de aprendizagem. O programa PNLD deve se reavaliar e abolir métodos de ensino defasados. Acreditamos que Totonha tem ciência da ineficácia do método de ensino, a ela aplicado.

No momento em que Totonha revela: “para mim a melhor sabedoria é olhar na cara da pessoa, no focinho de quem for, não tenho medo de linguagem superior, Deus que me ensinou” (FREIRE, 2005, p.80) verificamos que a personagem não se intimida por não ter formação superior, como a professora em questão, destacando por sua vez que Deus a ensinou, como um professor que está acima do plano material e através da escola da vida. Por mais que ela não disponha de canudo, sua sabedoria diante das adversidades fez com que adquirisse formação de mundo, o que para ela é de grande valia.

Ao falar cara a cara com a professora, Totonha chama atenção para o fato da professora está dando mais ênfase aos resultados do que propriamente as pessoas assistidas.

Com relação à determinação, Totonha ao longo de sua vida demonstra ter superado muitas barreiras. No campo social: vive humildemente em um lugar insalubre,

onde não dispõe de saneamento básico para uma boa higiene pessoal, adicionamos aí fatores como ausência de transporte público e abastecimento de água potável. Esses são direitos negados aos quais nunca teve acesso pois que: só depende da água de chuva, que irá abastecer o rio seco para sua subsistência.

A alimentação e nutrição, que são o combustível que sustenta nossas energias, também são precários. Totonha corre atrás de *preá* e roe osso de *tatu*, o que de fato não se trata de uma alimentação eficaz e nutritiva. Compreendemos, assim, que a situação social da personagem não permite que se alimente bem e que pela necessidade, passa a capturar e se alimentar de animais silvestres, o que atualmente é um absurdo, visto que não há controle sobre a qualidade das carnes desses animais.

Por sua rotina de vida e condições financeiras, tornam-se evidentes as condições precárias e insalubres a que nossa heroína se submete. Se a mesma tem o hábito de cassar animais silvestres, não dispõe de saneamento básico e água potável, fica claro que esta cidadã não dispõe de um sistema de saúde decente. Quando Totonha fala em: “adivinhar quando uma coceira é só uma coceira, não uma doença, tenha santa paciência!” indica que mecanismos populares de percepção das doenças são a única garantia, ali existentes, para o diagnóstico clínico, não há, portanto, noção do que lhe acomete para tomar as devidas providências na prevenção. Assim, o descaso na área da saúde faz com que o diagnóstico não possa ser remediado ou preventivo.

Totonha é uma pessoa vivida e com letramento, haja vista na sua experiência de mundo. A faculdade que a formou foi a faculdade da vida, deixando claro que ela não se acomodou por ser analfabeta ou pelas demais restrições que a vida lhe impôs. Ela corre atrás de superar a fome, procura saber se vai chover para coletar água que já é pouca e escassa, servindo-lhe apenas para beber e cozinhar; nossa personagem é capaz de conhecer a política local e nacional para saber o que lhe convém neste ou naquele programa social. Totonha também se mostra crítica ao avaliar a personalidade das pessoas quando se depara com suas intenções, quando conversam com ela.

Avaliamos Totonha como uma pessoa com capacidade de estabelecer interlocução, pois sabe se posicionar discursivamente em diálogo, sempre procurando fazer perguntas à professora e relatando sua vida marginalizada. Ao fazer seus questionamentos, vem incentivar a professora e o leitor por conseguinte a refletir quanto à situação social, que se encontram os indigentes em relação a aplicabilidade dos

programas sociais sobretudo em relação a ineficácia dos sistemas de aprendizagem, o qual é oferecido.

No trecho: “Eu é que não vou abaixar minha cabeça para escrever” Totonha deixa bem marcado sua seriedade e resistência em relação ao assunto, pois evidenciamos que seu discurso salienta, que são falhos os programas sociais desconexos, pois tem a convicção que irá apenas constituir mais um número para os índices nacionais. Ademais, o ato de baixar a cabeça seria um ato de subserviência à imposição do Sistema para que Totonha dedicasse seu tempo a fatores exógenos à sua realidade, a sua necessidade de sobrevivência e seu próprio desejo.

No momento em que Totonha diz: “será que eu preciso mesmo garranchar meu nome? só pra mocinha aí ficar contente?” revela-nos que a própria professora não tem uma reflexão mais acurada sobre o programa social de alfabetização para o qual trabalha, satisfazendo-se e ao perfeito com a distribuição de cartilhas. Como regra, notamos que o sistema educacional de alfabetização impõe suas regras sem ao menos consultar as pessoas que deveriam contribuir para uma política educacional participativa. Assim, acreditamos que a perspectiva educacional teria uma relevância mais proveitosa, porque seria capaz de se universalizar a todas as pessoas.

O trecho: “Quase não mudo **de roupa**, quase não mudo **de lugar**. Sou sempre a mesma pessoa **que voa**”(FREIRE, 2005, p.80) explicita a condição de uma personagem que mesmo marginalizada, ainda possui esperança, porque: ao relatar que não muda de roupa, ou de lugar ela acredita no impossível. Na relação de mudança de lugar, compreendemos que obviamente ela idealiza poder mudar de lugar, mesmo gostando daquele “seu canto” e que suas condições são precárias. No destaque “Que voa” caracteriza o sonhar humano, porque voar tem esta relação com o imaginar algo para além do permitido e poder realizar alguma coisa diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o conto Totonha de Marcelino Freire, conseguimos perceber que os pré-julgamentos que nós humanos fazemos diante de algumas pessoas podem ser mal-interpretados. Esta obra veio a engrandecer-nos profissionalmente e culturalmente, pois acreditamos que a leitura do conto serve para compreendermos além do que vemos, principalmente as práticas e as políticas voltadas para os injustiçados.

Consideramos que a obra de Marcelino Freire é indicada para um público amplo sem oferecer problemas de entendimento, pois retrata a história de pessoas comuns da sociedade brasileira, sem grandes heróis ou princesas, como nos contos de fadas. Mas também destacam-se: negros, mulheres, pobres, crianças, gays, prisioneiros entre outros excluídos de nossa sociedade.

Se o foco da educação brasileira fosse voltado exclusivamente para o letramento, principalmente o literário e não à alfabetização, haveria inúmeras mudanças no IDEB, IDH entre outros índices que acompanham as evoluções de educação e cultura do Brasil. Acreditamos também que com as mudanças necessárias no ensino básico, através de novas práticas de letramento, em breve notaremos mudanças nas futuras gerações de jovens e adultos, estes por sua vez criando, interpretando,

Destacamos que o conto Totonha traz uma grande crítica social aos programas de alfabetização que não consideram a realidade dos possíveis educandos que pretendem atingir, resta-nos contudo, um grande aprendizado, por isso que desejamos que essa realidade seja apresentada as autoridades educacionais de nosso país, para que possam intervir nas situações mais críticas e que possam dar mais apoio aos futuros homens e mulheres.

Queremos finalizar dizendo que foi um privilégio para nós termos que trabalhar a obra de Marcelino Freire, principalmente o conto Totonha, bem como os conteúdos relativos à educação brasileira, pois servem para ampliarmos os horizontes com novos projetos e novas práticas para acolher as pessoas através do ensino da língua vernácula e da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Geruza zelnys de. *Oralidade e Improviso em Marcelino Freire: ritmo, Voz e Subjetividade na Leitura de Totonha*. Signum: Estudos da linguagem. Londrina: n. 13/2, P.43-58, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FUNDAMENTAL, Secretaria de educação. *Parâmetros curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

PINHEIRO, Helder; NÓBREGA, Marta. *Literatura: Da Crítica à sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2006.

SOARES, Magda. *Letramento: Um Tema em Três Gêneros*.-3. Ed. Belo horizonte: autêntica, 2009.

SUPORTES DIGITAIS

GLDP, Guia do Livro Didático de Português. disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/guias-do-pnld/item/5940-guia-pnld-2015>> acesso em: 17/02/ 2016 às 08:54.

IDEB, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/o-que-sao-as-metas>> acesso em: 16/03/2016 às 15:44.

IDEB, Resultados e Metas, disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>> acesso em: 16/03/2016 às 17:03.

IDH, Índice de Desenvolvimento Humano. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/IDH/IDH.aspx?indiceAccordion=0&li=li_IDH> acesso em: 12/02/2016 às 10:28.

PROJETO AMIGOS DA ESCOLA INCENTIVA LEITURA EM SÃO IGUEL ARCANJO (TV TEM, 2012) disponível em:<<http://g1.globo.com/sao-paulo/itapetininga-regiao/noticia/2012/05/amigos-da-escola-incentiva-leitura-em-sao-miguel-arcanjo-sp.html>>. acesso em: 18/01/ 2016 às 16:14.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. *Letramento Literário: uma Proposta para a sala de aula.* Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>

acesso em: 26/04/2016 às 23:20.

‘

ANEXO A

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - FNDE
PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO - PNLD/2014

Dados Estatísticos por Estado

UF	Escolas			Alunos Beneficiados			Qtde de Livros			Valor de Aquisição			Valor de distribuição			Valor de aquisição e distribuição		
	Anos Iniciais	Anos finais	Ensino Médio	Anos Iniciais	Anos finais	Ensino Médio	Anos Iniciais	Anos finais	Ensino Médio	Anos Iniciais	Anos finais	Ensino Médio	Anos Iniciais	Anos finais	Ensino Médio	Anos Iniciais	Anos finais	Ensino Médio
AC	230	559	132	63.995	65.799	47.202	154.140	425.298	257.683	1.179.540,45	3.169.665,52	2.206.223,80	222.005,42	612.541,54	371.128,56	1.401.545,87	3.782.207,06	2.577.352,36
AL	858	704	204	217.772	233.056	108.866	537.930	1.491.704	472.412	3.845.988,89	11.432.251,41	3.985.436,18	592.696,38	1.643.570,90	520.503,32	4.438.685,27	13.075.822,31	4.505.939,50
AM	901	2.076	337	306.205	320.522	195.776	753.642	2.060.788	898.420	5.168.000,55	16.651.491,76	7.895.648,83	888.229,54	2.428.811,28	1.058.860,72	6.056.230,09	19.080.303,04	8.954.509,53
AP	202	224	103	64.825	65.959	45.810	172.276	408.655	244.305	1.278.138,90	3.332.258,81	2.150.374,03	204.993,72	486.272,06	290.719,56	1.483.132,62	3.818.530,87	2.441.093,59
BA	4.144	3.741	1.131	788.532	941.033	534.021	2.027.011	6.023.032	2.437.170	13.174.387,20	45.264.449,02	20.621.886,50	2.353.773,82	6.993.952,94	2.830.046,72	15.528.161,02	52.258.401,96	23.451.933,22
CE	2.289	3.254	613	462.657	518.131	356.326	1.107.056	3.346.423	1.721.947	7.181.761,17	24.931.001,02	14.312.218,24	1.360.684,38	4.113.078,98	2.116.441,46	8.542.445,55	29.044.080,00	16.428.659,70
DF	392	214	89	163.948	150.269	98.158	360.188	954.077	487.304	2.675.302,96	7.502.027,51	4.337.363,19	626.632,26	1.659.838,68	847.773,42	3.301.935,22	9.161.866,19	5.185.136,61
ES	895	839	302	236.199	213.520	127.335	567.237	1.371.483	588.939	3.787.140,75	9.916.523,57	4.892.812,21	644.989,58	1.559.486,06	669.670,22	4.432.130,33	11.476.009,63	5.562.482,43
GO	1.531	1.527	622	417.930	357.567	231.626	1.008.810	2.294.344	1.053.903	6.804.051,92	16.997.943,77	8.710.617,07	881.490,50	2.004.765,94	920.885,44	7.685.542,42	19.002.709,71	9.631.502,51
MA	2.252	4.293	840	432.774	540.218	309.154	1.129.900	3.492.849	1.597.142	7.022.234,86	25.834.697,28	13.647.990,27	1.405.002,32	4.343.278,46	1.986.014,78	8.427.237,18	30.177.975,74	15.634.005,05
MG	4.895	4.532	2.271	1.104.427	1.232.665	720.080	2.471.308	7.909.218	2.914.924	17.368.218,14	58.376.612,52	24.873.598,77	2.856.291,78	9.141.310,84	3.369.005,82	20.224.509,92	67.517.923,36	28.242.604,59
MS	684	695	315	199.829	181.148	100.077	442.917	1.163.132	445.453	2.966.586,42	8.443.627,77	3.716.166,68	511.466,88	1.343.147,56	514.387,86	3.478.053,30	9.786.775,33	4.230.554,54
MT	866	1.298	445	206.639	202.565	183.120	477.272	1.304.038	907.777	3.182.143,95	9.801.132,89	7.714.225,08	583.736,52	1.594.931,66	1.110.267,78	3.765.880,47	11.396.064,55	8.824.492,86
PA	2.092	3.201	540	563.866	585.504	361.813	1.423.954	3.757.508	1.774.686	9.605.584,76	29.368.702,16	15.112.769,05	1.692.866,54	4.467.108,32	2.109.822,76	11.298.451,30	33.835.810,48	17.222.591,81
PB	1.305	1.058	390	205.493	233.582	129.059	543.265	1.500.453	668.273	3.682.868,07	11.215.059,96	5.745.054,35	660.841,64	1.825.185,84	812.907,64	4.343.709,71	13.040.245,80	6.557.961,99
PE	2.064	1.798	825	466.352	550.273	359.066	1.243.077	3.504.988	1.828.650	7.842.128,55	26.605.442,94	15.488.940,21	1.426.718,22	4.022.769,28	2.098.795,24	9.268.846,77	30.628.212,22	17.587.735,45
PI	1.167	1.631	518	176.852	226.051	142.505	461.899	1.461.608	727.648	2.928.142,88	10.747.751,42	6.026.721,78	652.614,76	2.065.089,10	1.028.086,50	3.580.757,64	12.812.840,52	7.054.808,28
PR	2.448	1.956	1.474	671.728	636.928	417.729	1.504.691	4.075.711	1.418.836	10.641.517,31	30.113.065,08	11.897.837,75	1.725.675,60	4.674.300,98	1.627.215,60	12.367.192,91	34.787.366,06	13.525.053,35
RJ	2.963	2.286	1.138	835.272	741.650	477.754	1.483.576	4.652.231	2.185.613	10.040.881,08	36.069.328,17	18.504.940,40	1.671.621,06	5.241.890,06	2.462.637,76	11.712.502,14	41.311.218,23	20.967.578,16
RN	1.003	936	307	192.731	185.420	128.589	468.610	1.189.873	629.661	3.384.336,77	9.235.685,91	5.525.386,51	563.442,82	1.430.656,62	757.080,82	3.947.779,59	10.666.342,53	6.282.467,33
RO	469	565	185	123.323	120.901	68.196	290.267	777.050	333.932	1.882.987,57	5.843.892,45	2.726.205,82	345.999,38	926.256,98	398.051,90	2.228.986,95	6.770.149,43	3.124.257,72
RR	127	233	119	40.378	41.975	26.279	106.500	267.139	130.796	701.336,20	2.061.652,89	1.133.611,97	132.166,14	331.525,76	162.327,72	833.502,34	2.393.178,65	1.295.939,69
RS	3.493	4.374	1.122	646.585	606.242	379.563	1.375.854	3.919.133	1.675.281	9.773.445,30	29.141.564,38	13.632.065,57	1.800.997,50	5.130.148,90	2.192.944,88	11.574.442,80	34.271.713,28	15.825.010,45
SC	1.905	1.771	755	376.053	315.393	274.581	822.683	2.031.625	1.234.083	5.660.897,55	15.043.897,23	10.336.740,33	1.052.329,54	2.598.731,36	1.578.565,42	6.713.227,09	17.642.628,50	11.915.305,75
SE	683	602	170	130.894	136.786	75.648	322.762	876.912	375.824	2.232.862,97	7.038.272,60	3.253.009,36	381.970,10	1.037.768,40	444.765,70	2.614.833,07	8.076.041,00	3.697.775,06
SP	6.508	5.570	4.033	2.428.428	2.301.800	1.677.943	6.039.796	14.669.834	7.268.896	42.065.411,56	111.550.704,95	61.115.943,11	6.581.186,74	15.984.795,02	7.920.450,60	48.646.598,30	127.535.499,97	69.036.393,71
TO	596	682	263	111.030	113.160	73.521	274.427	728.853	349.489	1.754.553,73	5.576.375,87	2.918.010,70	342.181,32	908.796,74	435.773,02	2.096.735,05	6.485.172,61	3.353.783,72
Total	46.962	50.619	19.243	11.634.717	11.818.117	7.649.794	27.571.048	75.657.959	34.629.051	187.830.450	571.265.078,86	292.481.797,74	32.162.604,46	88.570.010,26	40.635.131,22	219.993.054,92	659.835.089,12	333.116.928,96
				31.102.628			137.858.058			1.051.577.327,06			161.367.745,94			1.212.945.073,00		

ANEXO B

**FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO - FNDE
PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO - PNLD**

**DADOS ESTATÍSTICOS POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO
PNLD 2015 - IMPRESSO**

UF	Alunos Beneficiados			Escolas Beneficiadas			Exemplares			Valor de Aquisição			Valor de Distribuição			Valor de Aquisição e Distribuição		
	Anos Iniciais	Anos Finais	Ensino Médio	Anos Iniciais	Anos Finais	Ensino Médio	Anos Iniciais	Anos Finais	Ensino Médio	Anos Iniciais	Anos Finais	Ensino Médio	Anos Iniciais	Anos Finais	Ensino Médio	Anos Iniciais	Anos Finais	Ensino Médio
AC	64.333	60.020	42.574	234	597	152	147.747	173.866	516.704	1.168.420,11	1.269.976,83	4.658.994,47	207.099,60	228.347,68	656.606,49	1.376.519,71	1.498.324,51	5.315.600,96
AL	199.298	200.852	102.195	863	727	213	447.861	520.264	1.196.467	3.061.755,45	3.615.515,79	10.676.908,11	542.224,57	650.086,37	1.504.729,66	3.603.980,02	4.265.602,16	12.281.637,77
AM	283.480	287.890	181.990	910	2.275	336	673.408	804.195	2.060.910	4.539.133,18	5.927.551,47	19.216.683,49	803.862,22	1.065.801,02	2.708.548,47	5.342.995,40	6.993.352,49	21.927.231,96
AP	60.070	51.538	33.754	205	233	107	151.901	137.216	403.023	1.086.423,65	1.052.503,55	3.572.964,57	192.401,61	189.244,98	503.548,94	1.278.827,16	1.241.748,53	4.076.513,51
BA	698.558	843.713	505.020	4.122	3.797	1.131	1.714.866	2.235.430	5.838.024	11.210.685,58	15.671.923,84	52.841.872,10	1.985.367,30	2.817.884,00	7.447.168,38	13.196.052,88	18.489.807,84	60.289.040,48
CE	425.173	487.669	335.066	2.299	3.292	618	994.843	1.335.790	4.059.594	6.530.044,91	9.297.070,88	36.079.066,19	1.156.444,67	1.671.656,11	5.084.734,33	7.686.489,58	10.968.726,99	41.163.800,52
DF	147.503	138.666	81.742	397	224	89	303.375	343.208	977.889	2.213.241,28	2.488.522,63	8.939.885,60	391.956,12	447.447,82	1.259.925,71	2.606.197,40	2.935.970,45	10.199.811,31
ES	225.218	199.195	114.106	899	850	303	488.054	448.628	1.377.153	3.344.250,21	3.023.884,69	12.293.693,79	592.253,25	543.708,38	1.732.588,27	3.936.503,46	3.567.593,07	14.026.282,06
GO	380.856	332.238	204.330	1.549	1.540	629	827.593	794.055	2.456.900	5.608.450,94	5.408.563,79	22.159.739,79	993.234,09	972.484,65	3.123.040,63	6.601.685,03	6.381.048,44	25.283.780,42
MA	408.242	500.732	297.778	2.267	4.548	821	1.015.908	1.461.055	3.477.448	6.442.306,21	10.316.218,69	30.531.121,29	1.140.906,50	1.854.903,58	4.302.845,30	5.583.212,71	12.171.122,27	34.833.966,59
MG	1.083.810	1.152.803	689.481	4.909	4.568	2.294	2.370.234	2.573.395	8.107.119	16.778.123,65	17.407.952,66	74.416.351,96	2.971.338,18	3.130.029,57	10.487.726,52	19.748.461,83	20.537.862,63	84.904.078,48
MS	185.251	158.633	81.413	693	700	312	388.367	350.219	935.525	2.632.246,19	2.344.533,29	8.274.335,21	466.160,21	421.557,87	1.166.127,64	3.098.406,40	2.766.091,16	9.440.462,85
MT	202.361	183.380	148.538	869	1.333	456	445.630	463.210	1.756.240	3.004.067,87	3.248.160,46	15.726.231,65	532.008,33	584.034,19	2.216.346,44	3.536.076,20	3.832.194,65	17.942.578,09
PA	543.094	554.251	329.855	2.109	3.409	540	1.307.279	1.482.145	3.887.583	8.635.033,67	10.633.919,51	34.698.580,73	1.529.229,71	1.912.027,64	4.890.178,24	10.164.263,38	12.545.847,15	39.588.758,97
PB	167.502	217.861	111.992	1.299	1.080	399	451.861	568.777	1.348.035	3.079.924,26	3.943.379,82	11.932.378,84	545.442,19	708.037,83	1.681.667,04	3.625.366,45	4.652.417,65	13.614.045,88
PE	426.989	490.163	319.799	2.058	1.844	834	1.040.166	1.312.189	3.773.465	6.682.180,35	9.274.208,93	33.558.602,69	1.183.383,71	1.667.545,43	4.729.517,61	7.865.544,06	10.941.754,36	38.288.120,30
PI	159.661	194.968	121.884	1.123	1.667	501	424.544	549.602	1.477.694	2.759.453,97	3.843.116,37	12.824.156,88	488.688,19	691.010,00	1.807.348,07	3.248.142,16	4.534.126,37	14.631.504,95
PR	647.893	586.029	403.904	2.461	1.965	1.506	1.314.069	1.092.513	4.677.497	9.425.600,95	7.125.376,67	42.328.884,92	1.669.236,00	1.281.175,50	5.965.540,60	11.094.836,95	8.406.552,17	48.294.425,52
RJ	603.958	732.253	471.463	2.920	2.374	1.150	1.249.798	1.755.557	5.631.675	8.421.168,71	12.615.169,68	50.461.606,32	1.491.532,18	2.268.265,54	7.111.710,17	9.913.700,89	14.883.435,22	57.573.316,49
RN	178.024	176.521	113.333	998	952	303	404.785	452.409	1.376.916	2.940.671,29	3.239.754,40	12.255.665,94	520.781,05	582.522,74	1.727.228,89	3.461.452,34	3.822.277,14	13.982.894,83
RO	121.005	106.680	59.310	469	572	184	279.518	270.863	710.476	1.814.099,35	1.905.318,37	6.225.069,39	321.269,69	342.585,01	877.318,27	2.135.369,04	2.247.903,38	7.102.387,66
RR	36.083	39.007	21.596	130	237	120	69.572	103.643	253.492	407.396,42	785.408,44	2.391.692,48	72.148,27	141.220,05	337.068,61	479.544,69	926.628,49	2.728.761,09
RS	581.120	560.380	337.901	3.500	4.394	1.138	1.071.452	1.153.023	4.057.866	7.674.467,66	7.811.582,45	35.591.779,28	1.359.117,34	1.404.558,46	5.016.059,48	9.033.585,00	9.216.140,91	40.607.838,76
SC	362.829	325.480	227.754	1.904	1.770	754	703.592	760.426	2.627.725	4.927.441,71	5.177.175,66	23.710.523,53	872.630,27	930.880,00	3.341.597,38	5.800.072,98	6.108.055,66	27.052.120,91
SE	117.258	122.679	67.949	684	617	167	266.446	319.894	821.022	1.832.254,74	2.348.076,89	7.510.279,23	324.484,94	422.195,03	1.058.446,87	2.156.739,68	2.770.271,92	8.568.726,10
SP	2.327.464	1.957.558	1.640.155	6.755	5.516	4.033	5.220.642	4.322.388	18.756.442	36.604.966,36	29.501.387,69	169.571.836,12	6.482.595,77	5.304.485,21	23.898.283,05	43.087.582,13	34.805.872,90	193.470.119,17
TO	108.302	103.403	67.596	589	681	273	259.150	262.493	798.062	1.670.404,77	1.859.454,31	7.268.751,39	295.821,96	334.338,44	1.024.407,60	1.966.226,73	2.193.792,75	8.293.158,99
SubTotal	10.764.129	10.774.512	7.112.492	47.225	51.782	19.363	24.032.641	26.046.453	83.380.968	164.496.216,44	181.135.707,76	749.719.655,98	29.131.617,92	32.569.033,50	105.660.908,86	193.627.834,35	213.764.741,26	855.379.964,82
Reserva Técnica							1.421.461	1.559.417	4.261.056	8.726.675,42	11.525.890,75	38.185.730,62	1.545.459,10	2.072.408,18	5.381.633,05	10.272.134,52	13.598.298,93	43.567.363,67
Total	10.764.129	10.774.512	7.112.492	47.225	51.782	19.363	25.454.102	27.605.870	87.642.024	173.222.891,86	192.661.598,51	787.905.386,60	30.677.077,02	34.641.441,68	111.042.541,91	203.899.968,87	227.363.040,19	898.947.328,49
		28.651.133			80.439			140.681.994			1.153.789.876,95			176.980.440,41			1.330.150.377,36	

Fonte: site FNDE

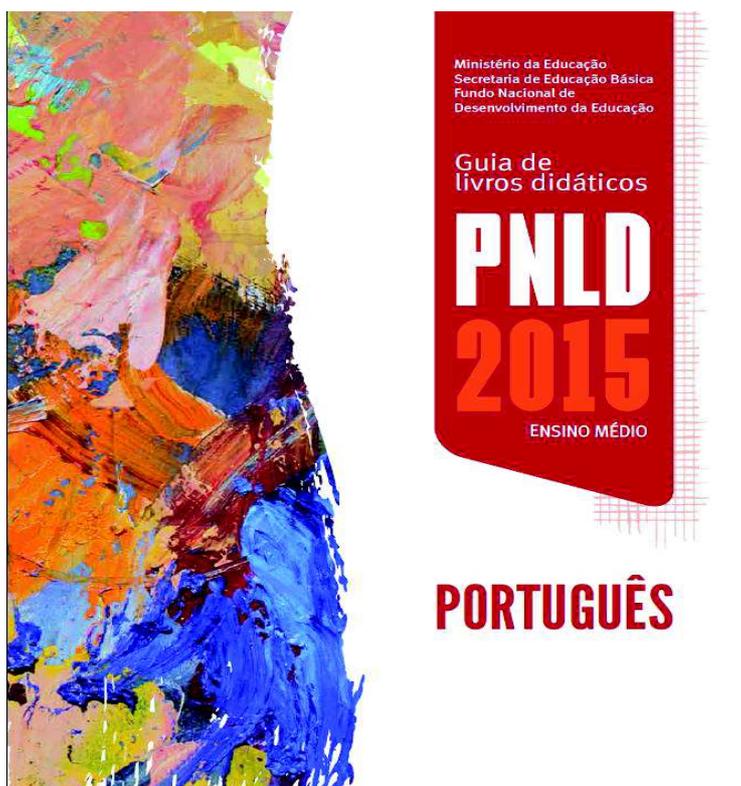
ANEXO C



CALENDÁRIO DE ATENDIMENTO – PNLD

Ano de Atendimento	Distribuição Integral dos Livros Didáticos	Reposição Integral de Livros Consumíveis	Reposição e Complementação Parcial de Livros Reutilizáveis	Distribuição dos Acervos
2012	1º ao 3º ano do ensino médio	Alfabetização Matemática, Alfabetização Linguística e Língua Estrangeira	2º ao 9º ano do ensino fundamental	Dicionários
2013	1º ao 5º ano do ensino fundamental	Língua Estrangeira, Filosofia e Sociologia	6º ao 9º ano do ensino fundamental e 1º ao 3º ano do ensino médio	Obras Complementares
2014	6º ao 9º ano do ensino fundamental	Alfabetização Matemática, Letramento e Alfabetização, Língua Estrangeira, Filosofia e Sociologia	2º ao 5º ano do ensino fundamental e 1º ao 3º ano do ensino médio	Obras Literárias para Alfabetização na Idade Certa
2015	1º ao 3º ano do ensino médio	Alfabetização Matemática, Letramento e Alfabetização e Língua Estrangeira	2º ao 9º ano do ensino fundamental	Dicionários
2016	1º ao 5º ano do ensino fundamental	Língua Estrangeira, Filosofia e Sociologia	6º ao 9º ano do ensino fundamental e 1º ao 3º ano do ensino médio	Obras Complementares
E assim sucessiva e alternadamente nos anos seguintes				

ANEXO D



ANEXO E

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO
Programa Nacional do Livro Didático - PNLD
PNLD 2015 - Coleções mais distribuídas por componente curricular
Português

	Código	Título	Tipo	Qtd. Página	Cad. Tiolog.	Quantidade	Quantidade por Coleção
1ª	27614C0101	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	400	26	939.687	2.313.339
	27614C0101	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	464	30	12.398	
	27614C0102	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	400	26	727.379	
	27614C0102	PORTUGUÊS LINGUAGENS	M	464	30	10.289	
	27614C0103	PORTUGUÊS LINGUAGENS	L	400	26	614.355	
2ª	27599C0101	NOVAS PALAVRAS	L	400	26	633.557	1.548.498
	27599C0101	NOVAS PALAVRAS	M	512	33	8.371	
	27599C0102	NOVAS PALAVRAS	L	400	26	485.693	
	27599C0102	NOVAS PALAVRAS	M	512	33	6.966	
	27599C0103	NOVAS PALAVRAS	L	400	26	407.640	
	27599C0103	NOVAS PALAVRAS	M	496	32	6.271	
3ª	27611C0101	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	L	400	26	335.572	822.319
	27611C0101	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	M	512	33	4.466	
	27611C0102	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	L	400	26	257.807	
	27611C0102	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	M	512	33	3.688	
	27611C0103	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	L	400	26	217.480	
	27611C0103	PORTUGUÊS CONTEXTO, INTERLOCUÇÃO E SENTIDO	M	512	33	3.306	
4ª	27578C0101	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 1	L	360	23,5	279.087	693.452
	27578C0101	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 1	M	432	28	3.801	
	27578C0102	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 2	L	352	23	220.169	
	27578C0102	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 2	M	424	27,5	3.245	
	27578C0103	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 3	L	368	24	184.228	
	27578C0103	LÍNGUA PORTUGUESA: LINGUAGEM E INTERAÇÃO - VOLUME 3	M	440	28,5	2.922	
5ª	27615C0101	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	L	392	25,5	277.827	677.698
	27615C0101	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	M	504	32,5	3.539	
	27615C0102	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	L	352	23	210.102	
	27615C0102	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	M	464	30	2.869	
	27615C0103	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	L	384	25	180.785	
	27615C0103	PORTUGUÊS LINGUAGENS EM CONEXÃO	M	496	32	2.576	
6ª	27633C0101	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 1	L	400	26	256.730	631.835
	27633C0101	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 1	M	512	33	3.368	
	27633C0102	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 2	L	392	25,5	199.540	
	27633C0102	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 2	M	504	32,5	2.784	
	27633C0103	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 3	L	400	26	166.926	
	27633C0103	SER PROTAGONISTA LÍNGUA PORTUGUESA 3	M	512	33	2.487	
7ª	27577C0101	LÍNGUA PORTUGUESA	L	392	25,5	119.793	297.447
	27577C0101	LÍNGUA PORTUGUESA	M	504	32,5	1.676	
	27577C0102	LÍNGUA PORTUGUESA	L	368	24	94.331	
	27577C0102	LÍNGUA PORTUGUESA	M	472	30,5	1.442	
	27577C0103	LÍNGUA PORTUGUESA	L	384	25	78.906	
	27577C0103	LÍNGUA PORTUGUESA	M	480	31	1.299	
8ª	27640C0101	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 1	L	336	22	93.232	232.643
	27640C0101	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 1	M	392	25,5	1.304	
	27640C0102	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 2	L	320	21	74.052	
	27640C0102	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 2	M	384	25	1.133	
	27640C0103	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 3	L	336	22	61.910	
	27640C0103	VIVA PORTUGUÊS - VOLUME 3	M	400	26	1.012	
9ª	27613C0101	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 1º ANO	L	256	17	82.668	203.332
	27613C0101	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 1º ANO	M	320	21	1.121	
	27613C0102	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 2º ANO	L	240	16	64.404	
	27613C0102	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 2º ANO	M	304	20	951	
	27613C0103	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 3º ANO	L	248	16,5	53.340	
	27613C0103	PORTUGUÊS: LÍNGUA E CULTURA - 3º ANO	M	320	21	848	
10ª	27616C0101	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 1	L	400	26	60.110	147.640
	27616C0101	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 1	M	512	33	824	
	27616C0102	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 2	L	400	26	45.997	
	27616C0102	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 2	M	512	33	687	
	27616C0103	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 3	L	400	26	39.393	
	27616C0103	PORTUGUÊS VOZES DO MUNDO - LITERATURA, LÍNGUA E PRODUÇÃO DE TEXTO 3	M	512	33	629	

ANEXO F

Ranking IDHM Unidades da Federação 2010

Ranking IDHM 2010	Unidade da Federação	IDHM 2010	IDHM Renda 2010	IDHM Longevidade 2010	IDHM Educação 2010
1 °	Distrito Federal	0,824	0,863	0,873	0,742
2 °	São Paulo	0,783	0,789	0,845	0,719
3 °	Santa Catarina	0,774	0,773	0,860	0,697
4 °	Rio de Janeiro	0,761	0,782	0,835	0,675
5 °	Paraná	0,749	0,757	0,830	0,668
6 °	Rio Grande do Sul	0,746	0,769	0,840	0,642
7 °	Espírito Santo	0,740	0,743	0,835	0,653
8 °	Goiás	0,735	0,742	0,827	0,646
9 °	Minas Gerais	0,731	0,730	0,838	0,638
10 °	Mato Grosso do Sul	0,729	0,740	0,833	0,629
11 °	Mato Grosso	0,725	0,732	0,821	0,635
12 °	Amapá	0,708	0,694	0,813	0,629
13 °	Roraima	0,707	0,695	0,809	0,628
14 °	Tocantins	0,699	0,690	0,793	0,624
15 °	Rondônia	0,690	0,712	0,800	0,577
16 °	Rio Grande do Norte	0,684	0,678	0,792	0,597
17 °	Ceará	0,682	0,651	0,793	0,615
18 °	Amazonas	0,674	0,677	0,805	0,561
19 °	Pernambuco	0,673	0,673	0,789	0,574
20 °	Sergipe	0,665	0,672	0,781	0,560
21 °	Acre	0,663	0,671	0,777	0,559
22 °	Bahia	0,660	0,663	0,783	0,555
23 °	Paraíba	0,658	0,656	0,783	0,555
24 °	Piauí	0,646	0,635	0,777	0,547
24 °	Pará	0,646	0,646	0,789	0,528
26 °	Maranhão	0,639	0,612	0,757	0,562
27 °	Alagoas	0,631	0,641	0,755	0,520

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013 (Com dados dos Censos 1991, 2000 e 2010.)

ANEXO G



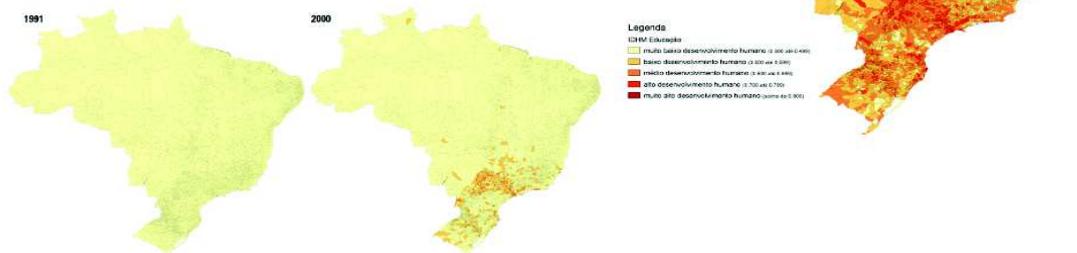
IDHM EDUCAÇÃO

Evolução em proporções

De 1991 a 2010

- População **adulta** com ensino fundamental concluído
 - Passou de 30,1% para 54,9%
- Crianças de **5 a 6 anos frequentando a escola**
 - Passou de 37,3% para 91,1%
- Jovens de **11 a 13 anos nos anos finais do fundamental**
 - Passou de 36,8% para 84,9%
- Jovens de **15 a 17 anos com fundamental completo**
 - Passou de 20% para 57,2%
 - **Porém:** 40% dos jovens nesta faixa ainda não têm fundamental completo
- Jovens de **18 a 20 anos com ensino médio completo**
 - Passou de 13 para 41%
 - **Ou seja:** a maioria destes jovens ainda não possuem médio completo

- É o componente que **mais avançou** no Brasil entre 1991 e 2010 em **termos absolutos** (0,358) e **relativos** (128%)
- Desempenho puxado pelo aumento do fluxo escolar de crianças e jovens (156%)
- Porém: é o subíndice que apresenta **menor valor absoluto** do IDHM (0,637)



IDHM EDUCAÇÃO SUBÍNDICES E INDICADORES	IDHM		
	1991	2000	2010
IDHM Educação	0,279	0,456	0,637
Subíndice: Escolaridade da população adulta	0,301	0,398	0,549
% População com 18 anos de idade ou mais que concluiu o ensino fundamental	30,1%	39,8%	54,9%
Subíndice: Fluxo escolar da população jovem	0,268	0,488	0,686
% População de 5 a 6 anos de idade frequentando a escola	37,3%	71,5%	91,1%
% População de 11 a 13 anos de idade frequentando os anos finais do ensino fundamental	36,8%	59,1%	84,9%
% População de 15 a 17 anos de idade com o ensino fundamental completo	20,0%	39,7%	57,2%
% População de 18 a 20 anos de idade com o ensino médio completo	13,0%	24,8%	41,0%

IDHM Educação

No Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – componente Educação – a dimensão “*acesso a conhecimento*” é medida pela composição de dois subíndices: a escolaridade da população adulta e o fluxo escolar da população jovem.

Entre 2000 e 2010

65% dos municípios cresceram acima da média nacional

Em 2010

23% dos municípios têm IDHM Educação acima do subíndice equivalente do Brasil (0,637), com destaque para regiões Sul e Sudeste

Norte e Nordeste

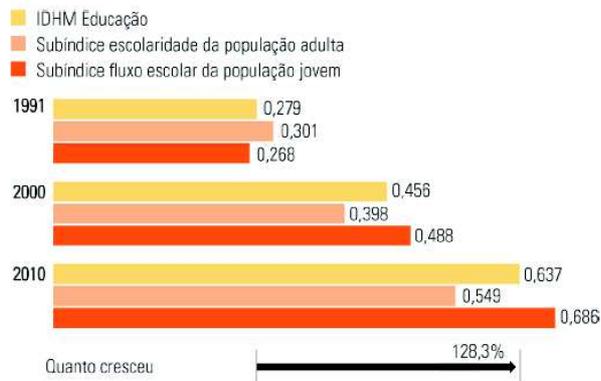
têm mais de 90% dos municípios ainda nas faixas de Baixo e Muito Baixo Desenvolvimento Humano no subíndice de Educação

Sul e Sudeste

têm mais de 50% dos municípios com IDHM Educação nas faixas Médio e Alto Desenvolvimento Humano

Centro-Oeste

tem 90% dos municípios com IDHM Educação nas faixas Médio e Baixo Desenvolvimento Humano



Mais Informações:
www.atlasbrasil.org.br



ipea

Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada



Mais alto IDHM Educação

- 0,825 > Águas de São Pedro (SP)
- > 100% de 5-6 frequentando escola
 - > 96,67% de 11-13 nos finais do fundamental
 - > 74,17% de 15-17 com fundamental completo
 - > 74,64% de 18-20 com médio completo
 - > 75,07% de 18 ou mais com fundamental completo

Mais baixo IDHM Educação:

- 0,207 > Melgaço (PA)
- > 58,68% de 5-6 frequentando escola
 - > 35,83% de 11-13 nos finais do fundamental
 - > 6,89% de 15-17 com fundamental completo
 - > 5,63% de 18-20 com médio completo
 - > 12,34% de 18 ou mais com fundamental completo

ANEXO H

IDEB - Resultados e Metas

IDEB 2005, 2007, 2009, 2011, 2013 e Projeções para o BRASIL

Anos Iniciais do Ensino Fundamental

	IDEB Observado					Metas				
	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.8	4.2	4.6	5.0	5.2	3.9	4.2	4.6	4.9	6.0
Dependência Administrativa										
Estadual	3.9	4.3	4.9	5.1	5.4	4.0	4.3	4.7	5.0	6.1
Municipal	3.4	4.0	4.4	4.7	4.9	3.5	3.8	4.2	4.5	5.7
Privada	5.9	6.0	6.4	6.5	6.7	6.0	6.3	6.6	6.8	7.5
Pública	3.6	4.0	4.4	4.7	4.9	3.6	4.0	4.4	4.7	5.8

Anos Finais do Ensino Fundamental

	IDEB Observado					Metas				
	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.5	3.8	4.0	4.1	4.2	3.5	3.7	3.9	4.4	5.5
Dependência Administrativa										
Estadual	3.3	3.6	3.8	3.9	4.0	3.3	3.5	3.8	4.2	5.3
Municipal	3.1	3.4	3.6	3.8	3.8	3.1	3.3	3.5	3.9	5.1
Privada	5.8	5.8	5.9	6.0	5.9	5.8	6.0	6.2	6.5	7.3
Pública	3.2	3.5	3.7	3.9	4.0	3.3	3.4	3.7	4.1	5.2

Ensino Médio

	IDEB Observado					Metas				
	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2021
Total	3.4	3.5	3.6	3.7	3.7	3.4	3.5	3.7	3.9	5.2
Dependência Administrativa										
Estadual	3.0	3.2	3.4	3.4	3.4	3.1	3.2	3.3	3.6	4.9
Privada	5.6	5.6	5.6	5.7	5.4	5.6	5.7	5.8	6.0	7.0
Pública	3.1	3.2	3.4	3.4	3.4	3.1	3.2	3.4	3.6	4.9

Os resultados marcados em verde referem-se ao Ideb que atingiu a meta.
 Fonte: Saeb e Censo Escolar.

Atualizado em 14/08/2014

ANEXO I

IDEB - Resultados e Metas

Parâmetros da Pesquisa

Resultado:	<input type="text" value="Estado"/>	UF:	<input type="text" value="Todas"/>
Rede de ensino:	<input type="text" value="Total"/>	Série / Ano:	<input type="text" value="Todas"/>
<input type="checkbox"/> 4ª série / 5º ano	<input type="checkbox"/> 8ª série / 9º ano	<input type="checkbox"/> 3ª série EM	

Estado	Ideb Observado					Metas Projetadas							
	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
Acre	3.2	3.5	3.5	3.4	3.4	3.2	3.3	3.5	3.8	4.1	4.5	4.8	5.0
Alagoas	3.0	2.9	3.1	2.9	3.0	3.0	3.1	3.3	3.6	3.9	4.4	4.6	4.9
Amapá	2.9	2.8	3.1	3.1	3.0	2.9	3.0	3.2	3.5	3.8	4.3	4.5	4.8
Amazonas	2.4	2.9	3.3	3.5	3.2	2.4	2.5	2.7	3.0	3.3	3.7	4.0	4.2
Bahia	2.9	3.0	3.3	3.2	3.0	3.0	3.1	3.2	3.5	3.8	4.3	4.5	4.8
Ceará	3.3	3.4	3.6	3.7	3.6	3.3	3.4	3.6	3.9	4.2	4.6	4.9	5.1
Distrito Federal	3.6	4.0	3.8	3.8	4.0	3.6	3.7	3.9	4.1	4.5	4.9	5.2	5.4
Espírito Santo	3.8	3.6	3.8	3.6	3.8	3.8	3.9	4.1	4.3	4.7	5.1	5.3	5.6
Goiás	3.2	3.1	3.4	3.8	4.0	3.3	3.4	3.5	3.8	4.2	4.6	4.8	5.1
Maranhão	2.7	3.0	3.2	3.1	3.0	2.8	2.9	3.0	3.3	3.6	4.1	4.3	4.6
Mato Grosso	3.1	3.2	3.2	3.3	3.0	3.1	3.2	3.4	3.7	4.0	4.4	4.7	4.9
Mato Grosso do Sul	3.3	3.8	3.8	3.8	3.6	3.3	3.4	3.6	3.8	4.2	4.6	4.8	5.1
Minas Gerais	3.8	3.8	3.9	3.9	3.8	3.8	3.9	4.1	4.3	4.7	5.1	5.3	5.6
Pará	2.8	2.7	3.1	2.8	2.9	2.9	2.9	3.1	3.4	3.7	4.2	4.4	4.7
Paraíba	3.0	3.2	3.4	3.3	3.3	3.0	3.1	3.3	3.5	3.9	4.3	4.6	4.8
Paraná	3.6	4.0	4.2	4.0	3.8	3.6	3.7	3.9	4.2	4.5	5.0	5.2	5.4
Pernambuco	3.0	3.0	3.3	3.4	3.8	3.1	3.2	3.3	3.6	3.9	4.4	4.6	4.9
Piauí	2.9	2.9	3.0	3.2	3.3	3.0	3.1	3.2	3.5	3.8	4.3	4.5	4.8
Rio de Janeiro	3.3	3.2	3.3	3.7	4.0	3.3	3.4	3.6	3.8	4.2	4.6	4.9	5.1
Rio Grande do Norte	2.9	2.9	3.1	3.1	3.1	2.9	3.0	3.2	3.5	3.8	4.3	4.5	4.7
Rio Grande do Sul	3.7	3.7	3.9	3.7	3.9	3.8	3.9	4.0	4.3	4.6	5.1	5.3	5.5
Rondônia	3.2	3.2	3.7	3.7	3.6	3.2	3.3	3.5	3.8	4.1	4.5	4.8	5.0
Roraima	3.5	3.5	3.4	3.6	3.4	3.5	3.6	3.8	4.0	4.4	4.8	5.1	5.3
Santa Catarina	3.8	4.0	4.1	4.3	4.0	3.8	3.9	4.1	4.4	4.7	5.2	5.4	5.6
São Paulo	3.6	3.9	3.9	4.1	4.1	3.6	3.7	3.9	4.2	4.5	5.0	5.2	5.4
Sergipe	3.3	2.9	3.2	3.2	3.2	3.3	3.4	3.6	3.8	4.2	4.6	4.9	5.1
Tocantins	3.1	3.2	3.4	3.6	3.3	3.1	3.2	3.4	3.6	4.0	4.4	4.7	4.9

Obs:

* Número de participantes na Prova Brasil insuficiente para que os resultados sejam divulgados.

** Solicitação de não divulgação conforme Portaria Inep nº 304 de 24 de junho de 2013.

*** Sem média na Prova Brasil 2013: Não participou ou não atendeu os requisitos necessários para ter o desempenho calculado.

**** Não divulgado por solicitação da Secretaria/Escola devido a situações adversas no momento da aplicação.

Os resultados marcados em verde referem-se ao Ideb que atingiu a meta.

Atualizado em 14/08/2014

ANEXO J

TOTONHA (Marcelino Freire)

Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso.

Deixa pra gente que é moço. Gente que tem ainda vontade de doutorar. De falar bonito. De salvar vida de pobre. O pobre só precisa ser pobre. E mais nada precisa. Deixa eu, aqui no meu canto. Na boca do fogão é que fico. Tô bem. Já viu fogo ir atrás de sílaba?

O governo me dê o dinheiro da feira. O dente o presidente. E o vale-doce e o vale-lingüiça. Quero ser bem ignorante. Aprender com o vento, ta me entendendo? Demente como um mosquito. Na bosta ali, da cabrita. Que ninguém respeita mais a bosta do que eu. A química.

Tem coisa mais bonita? A geografia do rio mesmo seco, mesmo esculhambado? O risco da poeira? O pó da água? Hein? O que eu vou fazer com essa cartilha? Número?

Só para o prefeito dizer que valeu a pena o esforço? Tem esforço mais esforço que o meu esforço? Todo dia, há tanto tempo, nesse esquecimento. Acordando com o sol. Tem melhor bê-á-bá? Assoletrar se a chuva vem? Se não vem?

Morrer, já sei. Comer, também. De vez em quando, ir atrás de preá, caruá. Roer osso de tatu. Adivinhar quando a coceira é só uma coceira, não uma doença. Tenha santa paciência!

Será que eu preciso mesmo garranchar meu nome? Desenhar só pra mocinha aí ficar contente? Dona professora, que valia tem o meu nome numa folha de papel, me diga honestamente. Coisa mais sem vida é um nome assim, sem gente. Quem está atrás do nome não conta?

No papel, sou menos ninguém do que aqui, no Vale do Jequitinhonha. Pelo menos aqui todo mundo me conhece. Grita, apelida. Vem me chamar de Totonha. Quase não mudo de roupa, quase não mudo de lugar. Sou sempre a mesma pessoa. Que voa.

Para mim, a melhor sabedoria é olhar na cara da pessoa. No focinho de quem for. Não tenho medo de linguagem superior. Deus que me ensinou. Só quero que me deixem sozinha. Eu e minha língua, sim, que só passarinho entende, entende?

Não preciso ler, moça. A mocinha que aprenda. O doutor. O presidente é que precisa saber o que assinou. Eu é que não vou baixar minha cabeça para escrever.

Ah, não vou.